

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

ALESSANDRO PAESE

**MERCADO AGRÍCOLA: ESTUDO COMPARATIVO DO MERCADO
BRASILEIRO COM O AUSTRALIANO**

**CAXIAS DO SUL
2021**

ALESSANDRO PAESE

**MERCADO AGRÍCOLA: ESTUDO COMPARATIVO DO MERCADO
BRASILEIRO COM O AUSTRALIANO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito à aprovação da Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II do curso de Ciências Econômicas da Universidade de Caxias do Sul. Sob orientação da Professora Me. Lodonha Maria Portela Coimbra Soares.

**CAXIAS DO SUL
2021**

RESUMO

Este trabalho analisa os mercados primários de Brasil e Austrália, demonstrando a evolução de cada país isoladamente, a partir de uma correlação entre fatos históricos e a análise econômica de ambos os países. O presente estudo demonstra quais são os principais produtos ligados ao agronegócio e ao extrativismo de cada país, bem como dados estatísticos como o PIB nominal, PIB per capita, coeficiente de Gini, entre outros, com o objetivo de realizar uma análise comparativa entre as economias brasileira e australianas acerca dos itens descritos e validar hipóteses no que diz respeito ao agronegócio brasileiro frente ao australiano. O trabalho apresentou no capítulo dois os aspectos do início do desenvolvimento agrícola no Brasil, através do modelo histórico descritivo, no terceiro capítulo adotou o modelo teórico descritivo para demonstrar dados estatísticos do agronegócio brasileiro. No quarto capítulo, houve a apresentação do desenvolvimento australiano, as estatísticas do seu agronegócio e ao findar, pelo método do estudo comparativo, realizou-se a comparação entre Brasil e Austrália. Os resultados encontrados demonstram que existem diversas igualdades entre Brasil e Austrália, sendo as mais significativas a produção total, o território agricultável, a participação da pecuária e da mineração no PIB de ambos os países, e os resultados da balança comercial. Entretanto as características destoantes entre eles chamam a atenção por demonstrar que a Austrália encontra-se em um patamar de desenvolvimento econômico mais elevado que o Brasil, sendo eles, o PIB per capita, a igualdade na distribuição de renda, o índice de desemprego, e o percentual da dívida pública em relação ao PIB. O Brasil possui uma população quase oito vezes maior que a Austrália e sua agricultura é capaz de abastecer o mercado interno e continuar relevante e competitiva no mercado internacional, o que demonstra que esse mercado é mais relevante para a economia brasileira do que para a australiana. Todavia, a Austrália foca seus recursos em outros setores da economia, sem abrir mão de um setor primário desenvolvido e com capacidade competitiva, o que faz dela um país desenvolvido enquanto o Brasil é um dos considerados emergentes.

Palavras-chave: Mercado Agrícola; Desenvolvimento agrícola brasileiro; Desenvolvimento agrícola na Austrália; Produtos primários; Agronegócio.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - disponibilidade do crédito agrícola no Brasil	30
Figura 2 - Área plantada X produção	32
Figura 3 - Maiores produtores nacionais de soja.....	36
Figura 4 - Destinação da produção de soja brasileira	37
Figura 5 - Produção anual de milho em toneladas	38
Figura 6 - Destinação da exportação de soja.....	39
Figura 7 - Compradores mundiais da carne brasileira.....	41
Figura 8 - Produção de carne de aves e de suínos em 2020	42
Figura 9 - Destinação da produção nacional de carne de aves e suínos	43
Figura 10 - Maiores faturamentos da agropecuária brasileira	45
Figura 11 - Comparação da colheita de Brasil e Estados Unidos	47
Figura 12 - Valor bruto da produção em 2018.....	48
Figura 13 - Produtividade por hectare plantado em 2017	49
Figura 14 - Valor adicionado bruto por estado brasileiro	50
Figura 15 - Produção total de carne por ano.....	51
Figura 16 - Crescimento do PIB da agropecuária brasileira	53
Figura 17 - Evolução da balança comercial agrícola.....	55
Figura 18 - Principais parceiros comerciais brasileiros	57
Figura 19 - Importações brasileiras de produtos agrícolas.....	58
Figura 20 - Evolução do PIB australiano	63
Figura 21 - Terras agrícolas (Km ²)	64
Figura 22 - Principais importadores de carne australiana	68
Figura 23 - Maiores produtores mundiais de lã	69
Figura 24 - Produção mundial de minério de ferro	71

Figura 25 - Principais origens das importações australianas	74
Figura 26 - Principais produtos exportados pela Austrália	75
Figura 27 – Área total de Brasil e Austrália em milhões de km ²	80
Figura 28 – População de Brasil e Austrália em milhões de habitantes.....	81
Figura 29 – Indicadores econômicos de Brasil e Austrália.....	82
Figura 30 – Coeficiente de Gini	84
Figura 31 - PIB de Brasil e Austrália	85
Figura 32 - PIB Per capita de Brasil e Austrália	86
Figura 33 - Total de terras agrícolas de Brasil e Austrália.....	87
Figura 34 - Atividades primárias em percentual do PIB	88
Figura 35 - Balança comercial de Brasil e Austrália	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Produção e exportação total de soja	35
Tabela 2 - Principais produtos de exportação brasileiros	56
Tabela 3 - Maiores produções agrícolas da Austrália em 2018.....	65
Tabela 4 - Maiores exportadores de carne bovina	67
Tabela 5 - Representatividade australiana no mercado extrativista mundial	72
Tabela 6 - Saldo comercial australiano 2014 - 2020 em bilhões de dólares	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Comparações gerais entre Brasil e Austrália	79
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIA	Associação Brasileira da Indústria de Alimentos
ABIEC	Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes
ABIOVE	Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais
AGROSTAT	Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro
BACEN	Banco Central
CAGED	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CEPEA	Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada
CNA	Confederação Nacional de Agricultura
CONAB	Conselho Nacional de Abastecimento
DFAT	Departamento de Negócios Estrangeiros e Comércio Austrália
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FAO Agricultura	Organização das Nações Unidas para Alimentação e a
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IGP-DI	Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONU	Organização das Nações Unidas
P&D	Pesquisa de Desenvolvimento
PIB	Produto Interno Bruto
SA	Sociedade Anônima
SCRI	Secretaria de Comércio e Relações Internacionais
SECEX	Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia
SNCR	Sistema Nacional de Crédito Rural
STN	Secretaria do Tesouro Nacional
USDA	Departamento de Agricultura dos Estados Unidos
VAB	Valor Adicionado Bruto
VBP	Valor Bruto da Produção

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA.....	11
1.2	DEFINIÇÃO DAS HIPÓTESES	12
1.2.1	Hipótese Principal	12
1.2.2	Hipóteses secundárias	12
1.3	JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO TEMA.....	13
1.4	DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS	13
1.4.1	Objetivo Principal	13
1.4.2	Objetivos secundários	13
1.5	METODOLOGIA.....	14
2	A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA AGRICULTURA NO BRASIL	17
2.1	HISTÓRIA DA AGRICULTURA BRASILEIRA.....	17
2.1.1	Ciclo do Açúcar	18
2.1.2	Ciclo do Café	21
2.1.3	Período da Industrialização	23
2.2	DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA BRASILEIRO.....	24
2.2.1	O Investimento Público Como Fomento À Agricultura	26
2.2.2	Expansão do Crédito Agrícola	28
2.2.3	Investimento em Pesquisa e Desenvolvimento na Agricultura	31
3	O MERCADO AGRÍCOLA NO BRASIL E NA AUSTRÁLIA	34
3.1	PRINCIPAIS PRODUTOS DA AGRICULTURA NACIONAL.....	34
3.1.1	Soja	35
3.1.2	Milho	38
3.1.3	Carne	40

3.1.4 Demais Produtos	44
3.2 DADOS ESTATÍSTICOS DA AGRICULTURA BRASILEIRA	46
3.3 A PARTICIPAÇÃO DA AGRICULTURA NO PIB BRASILEIRO	52
3.3.1 Balança Comercial Agrícola	54
3.4 DESENVOLVIMENTO AUSTRALIANO	59
3.5 ECONOMIA AUSTRALIANA	62
3.5.1 Agricultura	63
3.5.2 Pecuária	66
3.5.3 Mineração	70
3.6 BALANÇA COMERCIAL AUSTRALIANA.....	73
4 ANÁLISE COMPARATIVA DOS MERCADOS AGRÍCOLAS BRASILEIRO E AUSTRALIANO	78
4.1 ANÁLISE COMPARATIVA: MERCADO BRASILEIRO E AUSTRALIANO	78
5 CONCLUSÃO	92
6 REFERÊNCIAS	95

1 INTRODUÇÃO

A agricultura é um dos principais motores da economia brasileira, em um país de vasto território cultivável e de clima que favorece o cultivo de vários produtos primários, ela se mostra ainda mais atuante com o passar dos anos. Atualmente o Brasil abastece significativa parte do mundo a partir das commodities que exporta, além de abastecer grande parte do mercado interno, com produtos da cesta básica, essenciais na alimentação das pessoas.

Com o passar dos anos, observou-se uma significativa evolução das técnicas e tecnologias utilizadas na agricultura, principalmente com o acesso do agricultor familiar ao crédito para adquirir máquinas, tratores e outros equipamentos que resultam no aumento da produtividade das terras brasileiras. Essa significativa melhora das condições, somado a um maior estudo e controle sobre as pragas e doenças que atingem as plantações e criações com o desenvolvimento das escolas técnicas em agropecuária, a produtividade das terras brasileira somou um aumento de quase seis vezes a partir de 1977, enquanto o território plantado somou um aumento de cerca de duas vezes nesse mesmo período. (EMBRAPA, 2018).

Mesmo o Brasil tendo avançado, vislumbra-se espaço de crescimento e desenvolvimento do meio rural, e um modo de analisar em que momento o mercado agrícola brasileiro se encontra e quais possibilidades de melhoria e crescimento ainda podem haver, é o comparando com um país de condições semelhantes e de força agrícola internacional, como a Austrália.

Desta forma, o presente trabalho, buscará mostrar quais são as diferenças entre os dois países no segmento agrícola e apontar quais pontos ainda podem ser desenvolvidos no mercado brasileiro, quais projetos de desenvolvimento obtiveram sucesso na Austrália, bem como elencar suas virtudes em relação ao Australiano.

1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

O mercado agrícola brasileiro apresenta-se como um dos mais fortes do mundo. Aponta-se no ranking mundial, como o maior exportador de carne do mundo e como o terceiro maior exportador de alimentos mundial (Fonte: Embrapa). O que rendeu o apelido de “fazenda do mundo”. Mas não necessariamente ser a fazenda

mundial é negativo, muitos países desenvolvidos são grandes exportadores de alimentos e commodities em geral, como a China, a Austrália, os Estados Unidos e a Holanda.

No Brasil, o clima e a extensão de terras são favoráveis aos mais diversos cultivos, entretanto o nível de produtividade, de tecnologia aplicada ao processo, torna o país menos competitivo em comparação a economias agrícolas mais desenvolvidas, a exemplo da Austrália, ou do mercado de grãos norte americano.

Diante do exposto o presente projeto pretende responder às seguintes indagações:

- a) Como aconteceu o desenvolvimento da agricultura no Brasil?
- b) Qual a importância do mercado agrícola na economia brasileira?
- c) Qual é a participação internacional do Brasil quanto ao consumo de alimentos?
- d) Qual o grau de desenvolvimento da agricultura australiana?
- e) Como a Austrália atingiu seu desenvolvimento a partir da economia agrícola?
- f) Quais as discrepâncias que tornam a agricultura brasileira atrasada em relação a australiana?

1.2 DEFINIÇÃO DAS HIPÓTESES

1.2.1 Hipótese Principal

O mercado agrícola brasileiro é mais antigo, maior e mais desenvolvido tecnologicamente do que o mercado agrícola da Austrália.

1.2.2 Hipóteses secundárias

H1: Agricultura foi a forma de inserção da economia brasileira no mercado internacional.

H2: O Brasil é um importante fornecedor de alimentos para o mundo.

H3: A agricultura brasileira é fundamental para o PIB do país.

H4: A Austrália avançou tecnologicamente sua agricultura, e deixou países concorrentes para trás.

H5: A agricultura foi o principal setor por onde a Austrália atingiu o patamar de nação desenvolvida.

1.3 JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO TEMA

Desde os ciclos econômicos do açúcar e posterior do café, a economia brasileira sustenta-se muito sob o segmento agrícola. A partir dos anos 70, a agricultura brasileira sofreu drástica mudança, os estudos e aprimoramentos desse mercado criaram um pilar na economia brasileira. Após essa mudança no pensamento estratégico estatal quanto à agricultura, a área plantada no Brasil aumentou cerca de duas vezes, enquanto o total produzido cresceu mais de seis vezes (EMBRAPA 2019).

Em 2019, o agronegócio representou uma fatia de 21% do PIB brasileiro (PORTAL G1), sendo substancial para a economia nacional. Alguns estudiosos veem essa expansão do agro como negativa, mas outros países apresentaram resultados admiráveis e progresso econômico a partir dessa cultura, como é o caso da Austrália, que se encontra em um patamar de primeiro mundo e continua sendo uma forte exportadora de commodities.

Diante disso, o presente trabalho se justifica por elaborar um estudo comparativo sobre o mercado agrícola brasileiro e o australiano.

1.4 DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo Principal

Elaborar um estudo comparativo sobre o mercado agrícola brasileiro e o australiano.

1.4.2 Objetivos secundários

- a) Mostrar como decorreu o processo de desenvolvimento da agricultura no Brasil;
- b) Mensurar os números demonstrativos da agricultura brasileira no PIB do país;
- c) Descrever a participação agrícola brasileira na cadeia global de consumo;
- d) Verificar se a agricultura australiana encontra-se em um nível avançado em relação a brasileira;
- e) Demonstrar a partir de dados colhidos qual foi a importância da agricultura australiana no seu desenvolvimento socioeconômico;
- f) Analisar quais fatores destoam a agricultura brasileira da agricultura australiana.

1.5 METODOLOGIA

Entende-se por metodologia científica, quando aplicada aos trabalhos científicos, ou monográficos, como a estruturação lógica dos fatos estudados a fim de redigir um estudo determinado, que irá sintetizar informações bibliográficas e fatos históricos para responder questões previamente expostas e cumprir com os objetivos desenhados na face do projeto.

Para Severino,

A ciência utiliza-se de um método que lhe é próprio, o método científico, elemento fundamental do processo do conhecimento realizado pela ciência para diferenciá-la não só do senso comum, mas também das demais modalidades de expressão da subjetividade humana, como a filosofia, a arte, a religião. Trata-se de um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações causais constantes entre os fenômenos. (SEVERINO, 2014, p. 89)

Nesse contexto, a metodologia que é aplicada em um trabalho monográfico, pode ser considerada como a estrada que o escritor toma em seu caminho para poder chegar no final desejado, e que para o mesmo destino, vários caminhos podem ser escolhidos, e assim também, várias metodologias podem ser aplicadas em um só trabalho científico.

Todo trabalho científico deve ser baseado em procedimentos metodológicos, os quais conduzem a um modo pelo qual se realiza uma operação denominada conhecer, outra agir e outra fazer. Tais operações são desempenhadas pelo ser humano a fim de desenvolver adequadamente um estudo. (FACHIN, 2005)

Sendo assim, o presente trabalho utilizará no capítulo dois, o modelo histórico descritivo, onde buscará entender e demonstrar a formação do mercado agrícola brasileiro, começando nos primórdios da colonização, e buscando verificar cada ciclo agrícola vivido pelo Brasil em seus mais de quinhentos anos de descobrimento. Passando pela economia agrária, o setor primário exportador e mostrando também os desafios encontrados pela agricultura durante a industrialização brasileira, e como fomentou-se novamente esse mercado com a utilização de ciência e tecnologia.

Para Marconi e Lakatos,

O método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. Seu estudo, para uma melhor compreensão do papel que atualmente desempenham na sociedade, deve remontar aos períodos de sua formação e de suas modificações. (MARCONI E LAKATOS, 2003, p. 107)

O capítulo três será desenvolvido sob a ótica do modelo teórico descritivo, onde o presente trabalho entregará as características atuais do mercado agrícola do Brasil, como é o comportamento do país na frente do agronegócio, apresentando dados estatístico sobre a produção e o consumo no país, as exportações e importações, as parcerias que o Brasil possui com outros países, bem como o saldo da balança comercial do agronegócio e quais são os créditos e fomentos existentes atualmente para o desenvolvimento da atividade agrícola no território nacional.

A pesquisa descritiva tem por objetivo descrever as características de uma população, de um fenômeno ou de uma experiência. (Brasil Escola)

O capítulo quatro será construído a partir de um modelo de estudo comparativo, que buscará demonstrar as diferenças e semelhanças entre a agricultura empregada no Brasil e o mesmo mercado na Austrália, escolhida por ser um país de características parecidas com o Brasil, todavia, desponta entre os países em patamar mais alto de desenvolvimento.

Segundo Fachin (2005), o método comparativo consiste em investigar coisas ou fatos e explicá-los segundo suas semelhanças e suas diferenças. Geralmente, o método comparativo aborda duas séries ou fatos de natureza análoga, tomados de meios sociais ou de outra área do saber, a fim de se detectar o que é comum a ambos.

2 A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA AGRICULTURA NO BRASIL

O descobrimento das terras brasileiras aconteceu durante as navegações portuguesas em busca das especiarias indianas. Desta forma os portugueses perceberam possibilidades inúmeras de exploração de um novo território. O principal desejo dos colonizadores era encontrar ouro no subsolo brasileiro, entretanto, o inicial revés da atividade mineradora fez com que os olhares voltassem à agricultura. Devido ao acesso a áreas para possível cultivo, a atividade agrícola assumiu a ponta da economia brasileira no início de seu desenvolvimento.

O sistema agrícola brasileiro evoluiu com os anos, inicialmente, vivia sobre as monoculturas, o açúcar foi a base econômica do período colonial, e perdurou por quase dois séculos a frente da produção nacional. Após o açúcar, o papel de destaque agrícola foi tomado pelo café. Os cafezais brasileiros trouxeram consigo a história, o conhecido ciclo do café perdurou por quase 130 anos, sendo compactado entre 1800 e 1930, neste tempo o café também foi o principal motor econômico e exportador.

Diante do exposto, o presente capítulo tem por objetivo relatar como ocorreu a evolução da agricultura no Brasil, e relembrar os fatos a partir dos períodos históricos pelo qual o setor já passou.

2.1 HISTÓRIA DA AGRICULTURA BRASILEIRA

A descoberta das terras sul americanas decorreu-se acidentalmente quando europeus navegaram até as Índias em busca de especiarias, e a utilização dessas terras esteve em segundo plano para os colonizadores portugueses, enquanto espanhóis colhiam frutos oriundos do acúmulo de materiais preciosos de tribos andinas e mexicanas (FURTADO, 2003).

A utilização econômica das terras brasileiras foi observada a partir da pressão exercida por outros países europeus, que deixava claro a Portugal, que somente teria direito sobre as terras que fossem ocupadas pelos cidadãos dessa descendência. Os Portugueses estavam pressionados a alocar recursos nas terras, até então improdutivas do Brasil, em detrimento dos investimentos brutos em empresas portuguesas. A razão pela qual essa decisão foi tomada, era pela formação de empresas agrícolas e principalmente, a expectativa que circundava o ouro nos

subsolos do novo continente, esse sim, o real motivo pelos investimentos portugueses perdurarem.

A agricultura brasileira acabou sofrendo com escassez a partir da formação de indústrias, o êxodo rural e o alto nível de importação de alimento fizeram com que grande parte das fazendas agrícolas possuíssem baixa produtividade, sendo que cerca de somente 2% delas tivessem acessos a máquinas e tecnologias da época (EMBRAPA, 2018).

O mercado agrícola carecia de profissionalismo, de tecnologia, de mão de obra, dentre outros fatores que atrasam cada vez mais o país em relação aos seus concorrentes mundiais e o prejuízo era sentido internamente, onde a população brasileira era quem mais sofria com a falta de mercadorias, principalmente alimentícia e o preço alto dos produtos encontrados.

Após a deterioração desse mercado, a partir de 1970 o estado brasileiro, bem como o empreendedor rural passaram a olhar a agricultura como promissora, e que poderia crescer dado a disponibilidade dos recursos naturais. A partir do maior investimento no mercado da terra os produtores puderam ter mais acesso a tecnologias, que fizeram expandir a produtividade, aproveitando-se da alta dos preços das commodities do século XXI que fez o Brasil despontar entre os cinco maiores produtores mundiais de cerca de 36 commodities (CHADDAD, 2017).

Historicamente forte na agricultura, o Brasil passou por períodos de crise interna de abastecimento, o país sempre teve na agricultura um dos pilares do seu desenvolvimento, e continua até os dias atuais a ver nela um caminho aberto para novos ciclos de produção, sempre a observar as evoluções necessárias para o aprimoramento da técnica e do estudo do campo.

2.1.1 Ciclo do Açúcar

Os colonizadores portugueses, encontravam o seu primeiro empecilho nas terras brasileiras, a frustração das expectativas de encontrar ouro brevemente no solo brasileiro. A estratificação do Pau-Brasil encontrava-se escassa e uma nova solução de empreendimento mostrava-se necessária para o auto sustento e aproveitamento econômico da nova colônia.

A solução encontrada pelos lusos foi a implementação de uma cultura, cujo produto já era comercializado na Europa, e os portugueses já possuíam a expertise dos processos de fabricação, o açúcar. Os lusos se alinharam aos holandeses para essa implementação do modelo produtivo que já ocorria em suas ilhas no atlântico, tendo o primeiro o domínio do cultivo e do processamento da cana de açúcar e o segundo dominava o processo de refinamento do açúcar, da comercialização do produto pela Europa e também do capital para financiar essa cultura, no novo ambiente brasileiro, que possuía características que facilitam a produção, como o solo extenso e fértil, somados ao clima favorável.

Todavia, somente dominar o processo e ter capital não resolvia todos os problemas, ainda havia a questão da mão de obra para ser realizada, transportar portugueses para trabalhar nos novos engenhos tornaria o processo caro e inviável. Transportar trabalhadores nas condições que encontrariam de trabalho no Brasil só seria possível com o pagamento de salários relativamente altos, o que não seria praticável, visto que as novas instalações encontravam-se em estágio de iniciação e não propiciavam o acúmulo de capital necessário para eventuais contratações, além disto, os trabalhadores portugueses estavam sendo contratados pela empresa das Índias Orientais. A solução foi encontrada com a utilização de escravos africanos em todo o processo dos engenhos (FURTADO, 2003).

O processo da substituição da mão de obra, que efetivou a troca dos trabalhadores portugueses por trabalhadores africanos em regime de escravidão, ocorreu com maior força no nordeste, onde existiam os grandes núcleos de produção açucareira. Sendo essa mudança sentida de forma mais lenta nos eixos menos desenvolvidos, principalmente, pelo maior custo de transportar os escravos de um território para outro, pois além do valor da movimentação da mão de obra, devido aos maus tratos, muitas vidas se perdiam, tendo assim seu preço acrescido (LACERDA, 2018).

Com o principal fator determinante resolvido, a mão de obra passou a ser escravocrata no Brasil, sendo que essa cultura perdurou por séculos antes dos escravos poderem ter vidas livres e comuns como o restante dos brasileiros. Contudo, não fosse o baixo custo de se manter escravos, talvez o Brasil não pudesse ter tido êxito no mercado internacional de açúcar, ou quaisquer uma de suas atividades

econômicas posteriores, antecedentes da Lei Áurea, que libertou os escravos e custou a perda do trono dos Bragança.

Conforme Furtado (2003), não há dúvida que por trás de tudo estavam o desejo e o empenho do governo português de conservar a parte que lhe cabia das terras da América, das quais sempre se esperava que um dia sairia o ouro em grande escala, e esse motivo fez com que a coroa portuguesa investisse no sucesso da empresa agrícola do açúcar.

Por quase dois séculos a produção açucareira movimentou e foi o principal motor econômico brasileiro e representou o desenvolvimento de regiões de apoio, como a pecuária no nordeste. Enquanto o açúcar estava em ascensão e em voga no mercado, todo o sistema de sociedade brasileira desenvolveu-se a partir dele, e isso gera um problema grave.

Desde sua implantação, no século XVI, até quase o final do século XVIII, a produção açucareira foi o eixo da economia colonial. O açúcar constituía um produto nobre de exportação, por seu destaque no plano internacional. Até o século XVII, a produção cabocla era líder no mercado mundial, só vindo a perder esse lugar quando entraram no cenário americano as produções concorrentes, realizadas na América Central e nas Antilhas (LACERDA, 2018, pg. 17).

A dependência do sistema econômico de uma monocultura pode gerar um colapso total no momento em que as condições comerciais deste produto começam a decair. E com o açúcar não foi diferente, a partir de entrada holandesa nas ilhas caribenhas, com o aumento da concorrência o mercado brasileiro passou a não ter toda sua produção escoada e toda a sociedade sentiu, por momentos, o país voltou a agricultura de subsistência, a economia brasileira foi salva pela descoberta das minas de ouro do subsolo, que reposicionaram a nação perante o mundo (MUNDO EDUCAÇÃO, 2020).

Entre os períodos do açúcar e do café, o Brasil viveu uma movimentação em busca do extrativismo do ouro. Movimento esse que intensificou a exploração da mão de obra escrava, e a chegada de imigrantes para a colônia em busca de metais preciosos. Com a queda do ouro, o país vivenciará novamente um período voltado à agricultura, com as plantações cafeeiras, que dominaram o Brasil a partir do século XVIII.

2.1.2 Ciclo do Café

Com a descoberta do ouro no território brasileiro, a agricultura passou a ficar em segundo plano, dando lugar a um acelerado crescimento das escavações em busca do metal precioso. A decadência da mineração viria a ocorrer no séc. XVIII, o que trouxe a agricultura novamente para um papel de destaque (LACERDA, 2018).

Com a industrialização de países europeus, produtos e matérias primas cultivados no Brasil passam a chamar atenção. A Revolução Industrial (1760 - 1840) fez brotar no mundo uma indústria têxtil forte, e o algodão brasileiro passou a ser exportado, concorrendo com o oriente, que havia chegado no limite da oferta de um produto em que a demanda continua aquecida.

A agricultura sustentava o país, enquanto o saldo da balança comercial continuava positivo, todavia, a situação do mercado interno não acompanhou o crescimento do comércio internacional. A maioria dos brasileiros ainda viviam como agricultores de subsistência e não houve esforço, por parte da metrópole em desenvolver a colônia, em aprimorar no Brasil um processo de crescimento e desenvolvimento interno baseado nos moldes europeus com a ascensão do capitalismo moderno revolucionário e o pensamento iluminista, bases das democracias ocidentais da época.

O Brasil vivia um momento de crise, os produtos base da economia já não sustentavam o país. O açúcar se encontrava em ritmo acelerado de queda de demanda, visto a concorrência holandesa nas Antilhas, o algodão foi próspero em alguns estados mas não podia ocupar papel de referência no sistema agrícola, e o cacau, mesmo tendo sido protagonista no desenvolvimento de estados do norte brasileiro, não poderia ser cultivado em outras regiões do país.

A sustentabilidade não poderia surgir do mercado interno, pois a produção brasileira não tinha condições de ser absorvida pelos moradores dessas terras, a solução seria procurar um produto que pudesse vir a ser consumido a nível mundial, que pudesse trazer ao Brasil uma nova onda de progresso econômico (FURTADO, 2003).

Num país sem técnica própria e no qual praticamente não se formavam capitais que pudessem ser desviados para novas atividades, a única saída que oferecia o século XIX para o desenvolvimento era o comércio internacional. Desenvolvimento com base em mercado interno só se torna possível quando o organismo econômico alcança um determinado grau de complexidade, que se caracteriza por uma relativa autonomia tecnológica (FURTADO, 2003, pg. 117).

Havia somente uma exigência, o principal fator de produção a ser utilizado deveria ser a terra, pois era o mais abundante no território brasileiro, e poderia contar com a mão de obra de cerca de dois milhões de escravos que já não migravam dos engenhos de açúcar e do êxodo da região mineira, que havia passado por grande crescimento no período de escavações de ouro.

A solução encontrada foi um fruto, consumido em bebida por vários países do mundo, que apresentava grande potencial internacional e poderia trazer novos conhecimentos e desenvolvimento ao Brasil, o café. Começa então o período da economia cafeeira, que se concentrou nas regiões do Rio de Janeiro e São Paulo, onde encontrava-se às melhores características de solo e clima, além do potencial litorâneo para escoamento da produção aos outros países.

A economia cafeeira foi tão grande no Brasil, que a mão de obra escrava não foi suficiente para atender as demandas da produção, e foi firmado com países europeus tratados para que camponeses viessem ao Brasil trabalhar nas lavouras de café e receber pequenos lotes como contrapartida, a viagem e as custas da imigração foram todas quitadas pelo poder público. Até o ano de 1886 cerca de 30 mil imigrantes desembarcaram no Brasil, e após a assinatura da Lei Áurea, pela então Princesa Isabel no ano de 1888, o número total de imigrantes subiu para além dos 130 mil (EDUCA MAIS BRASIL, 2020).

O mercado exportador de café foi o que gerou ao Brasil reservas financeiras para começar o período de industrialização, que seria o novo foco a partir da crise mundial de 1929, ainda assim, bastante tardia comparada com a industrialização dos países europeus e os Estados Unidos. O café viveu um ciclo de cerca de 130 anos sendo o principal produto nacional, e deixou como herança uma agricultura baseada na mão de obra humana e nos latifúndios o que gerou instabilidade no abastecimento interno quando o Brasil iniciou seu processo de industrialização, com o êxodo de mão de obra da atividade rural, que gradativamente migrou para os centros urbanos onde

havia iniciado o processo de formação das empresas e as condições de trabalho e salário se tornaram mais atrativas ao trabalhador assalariado.

2.1.3 Período da Industrialização

A partir da crise de 1929, e o Brasil estando sob o regime do Estado Novo de Getúlio Vargas, o foco do poder público estava na urbanização da população e estruturação das empresas e indústrias nacionais para fazer do Brasil um país mais competitivo e de maior valor agregado no seu Produto Interno Bruto (PIB) total, todavia, não havia correspondência dessas mudanças no campo, e afirma-se que o país viveu o seu pior período de abastecimento e do mercado agrícola como um todo.

O solo brasileiro deixou de ser a atividade mais importante e a indústria chegou para tomar a frente da economia. A Revolução Industrial brasileira trouxe consigo um significativo êxodo rural da população, e uma forte concentração das políticas e dos investimentos nesse setor. O campo, antes de suma importância, havia ficado em segundo plano, e os sintomas foram logo sentidos no país, a agricultura já não era mais capaz de dar subsistência ao mercado interno, o Brasil se tornou um país de fatores de produção naturais abundantes, com vastas áreas de solo cultivável que não conseguia alimentar a própria população (EMBRAPA, 2018).

O Brasil muda o seu pensamento no geral, muitos partidos e membros da elite que acreditavam que o país deveria necessariamente continuar sendo uma potência agrícola, passam a defender o modelo industrial, motivados principalmente pela abundante mão de obra que surge devido a abolição da escravidão, as crises de superprodução do café enfrentadas pelos brasileiros entre 1880 e 1886 e a crise econômica mundial dos anos 1875. Crises juntas que acarretaram falência à cafeicultores e comerciantes e deixaram expostas as fragilidades de uma economia somente cafeeira (LACERDA, 2018).

Com a crescente da indústria em âmbito nacional, a agricultura brasileira passa por um período de inércia na evolução. O estado brasileiro na época, praticava políticas singulares, ora concentrava seus esforços na agricultura, ora na industrialização do país, sem haver um entendimento específico sobre a importância e a necessidade de manter ávidos ambos os setores. Sendo assim, a tecnologia encontrada no campo era pouca ou quase nenhuma, existiam poucos agricultores que

possuíam um capital mais alto para adquirir tratores e mecanizar suas lavouras, desta forma, na grande maioria dos campos, os trabalhos eram realizados de forma braçal, como nos ciclos do açúcar e do café. As pesquisas voltadas à agricultura eram fracas e o solo sofria de erosão pelas culturas indevidas e mau uso de fertilizantes.

Conforme descrevem Edward Schuh e Eliseu Alves (1971), muito pouco se sabe sobre a resposta destes solos às aplicações de fertilizantes. A capacidade de gerar e desenvolver novas variedades de altos rendimentos é limitada. Pouca pesquisa tem sido feita sobre a resposta dos rebanhos à aplicação de níveis crescentes de ração, ou sobre quais são as rações ótimas. Ignora-se quais as combinações de atividades mais lucrativas nas fazendas, e pouca pesquisa tem sido feita sobre as doenças tropicais dos rebanhos e lavouras.

Em uma matéria publicada em 1986 pelo Jornal Estado de São Paulo, os seguintes dizeres eram manchete: “Escassez alimentar no Brasil. O país terá de multiplicar por dez a sua atual produção de alimentos, ou será forçado a parar o surto de industrialização por falta de divisas para pagar o crescente volume de importação de alimentos” (JORNAL ESTADO DE SÃO PAULO, 1986).

Não se conhecia o potencial do solo e climático para plantar culturas eficazes em cada parte diferente do Brasil, a carne se tornou cara para o mercado consumidor, pois não atendia toda a demanda existente e muitos brasileiros não sabiam o que era ter carne em suas refeições diárias. Essa realidade encontrada levou os governos brasileiros a diversificarem políticas, e levar incrementos ao campo. A partir do investimento em pesquisa e desenvolvimento ligadas à agricultura, aos subsídios governamentais para os produtores, e o extenso crédito disponibilizado aos agricultores. A partir de 1975, o plano não foi somente desenvolver a agricultura para subsidiar o mercado interno, mas sim, desenvolver a agricultura para ser um dos principais mercados agrícolas do mundo.

2.2 DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA BRASILEIRO

Nas fases iniciais do processo de desenvolvimento, a população total concentra-se no meio rural e o setor primário gera a maior parte da riqueza nacional. À medida que a economia se desenvolve, a população e as atividades econômicas vão se transferindo para a economia urbana.

Até início dos anos de 1960, a agricultura vinha sendo vista, por alguns economistas, como dependente dos estímulos econômicos provenientes do setor urbano-industrial e do setor público, existia uma discriminação contra a agricultura que consistia na afirmação de que seu objetivo seria apenas de disponibilizar recursos para a indústria. Após este período, passou-se a defender um equilíbrio, via mercado, entre os setores agrícola e industrial e diversos estudos e políticas econômicas passaram a estimular o papel da agricultura no processo de desenvolvimento econômico (CHADDAD, 2017).

Existe uma correlação positiva entre o crescimento agrícola e o crescimento dos demais setores, a agricultura contribui com grande participação no produto total e ajuda outros setores da economia, principalmente a indústria. Desta forma, um crescimento agrícola provocaria crescimento mais do que proporcional no resto da economia, por meio do efeito multiplicador.

A agricultura contribui para o desenvolvimento da economia através de cinco princípios básicos, de acordo com Souza (2012):

- a) Liberar mão de obra do campo para a indústria, para evitar a elevação dos salários pagos aos trabalhadores rurais, mantendo seu percentual de lucro;
- b) Fornece alimentos e matérias-primas para o setor urbano-industrial, conforme a população urbana vai aumentando;
- c) Contribui para o país ter recurso estrangeiro por meio da exportação e amortizar a dívida externa por meio da importação;
- d) Contribui com formação de poupança que é investida no desenvolvimento industrial;
- e) Consome bens industriais, ajudando no lucro do setor.

Uma economia funciona como uma engrenagem, a agricultura e a indústria são duas partes importantes desse mecanismo, que tendem a girar em sintonia quando bem geridas pelo poder público, e quando seus empreendedores têm liberdade de negociação e de ação no mercado.

A modernização industrial foi originada pela contribuição da agricultura no desenvolvimento econômico. Esse impulso gerado pela agricultura foi prejudicado em determinados períodos devido à elevação de insumos necessários para a produção e

queda de alguns preços de produtos agrícolas. Os setores têm uma relação direta, por exemplo, no processo de industrialização e urbanização, a oferta insuficiente de alimentos eleva o custo de vida e a taxa de salários, reduzindo a taxa de lucro e a acumulação de capital. O aumento da oferta de alimentos industrializados, expande simultaneamente a produção da indústria e da agropecuária, isso favoreceu o crescimento econômico e aumentando o bem-estar social, ao gerar maior nível de emprego e renda (SOUZA, 2012).

A agricultura e a indústria foram complementares, enquanto a agricultura fornecia mão de obra e insumos para as empresas, essas foram responsáveis pela mecanização e industrialização dos processos agrícolas, assim, ambas levaram progresso e aumento de produtividade ao campo.

2.2.1 O Investimento Público Como Fomento À Agricultura

Alguns autores defendem que intervenções do governo seriam necessárias para que a agricultura fosse mais efetiva no desenvolvimento do país, segundo Souza (2012) a agricultura deveria atuar nos seguintes pontos:

- a) Influenciar positivamente nas decisões de investimento conjunto da economia, por meio da estabilidade dos preços dos alimentos;
- b) Proteger o meio ambiente e evitar a emissão de gases para a atmosfera;
- c) Contribuir para reduzir a pobreza, mediante a reforma agrária e a elevação da produtividade da terra e do trabalho;
- d) Contribuir com a aprendizagem do governo no processo de desenvolvimento, principalmente na parte de investimentos em bens públicos;
- e) Aumentar a taxa de produtividade do capital e do trabalho no resto da economia, ao gerar excedentes exportáveis e ao reduzir a taxa de inflação.

Em países desenvolvidos, os governos têm interferido mais diretamente na agricultura com o objetivo de obter resultados necessários para o desenvolvimento do país, alguns dos principais objetivos são: transferir renda para o meio rural menos desenvolvido, incentivar a produção doméstica de algum produto em específico, mas principalmente estimular o aumento da produtividade com o intuito de realizar exportações, melhorar a infraestrutura no campo e promover a estabilização dos

preços de alimentos básicos, este último item deve ser feito com um cuidado especial, visto que uma desvalorização no preço de um alimento pode influenciar negativamente no cultivo do mesmo, e causar um problema na oferta do alimento e gerar inflação do mesmo.

Dessa forma o governo atua no barateamento do acesso a créditos e empréstimos direcionados aos produtores e viabiliza a comercialização e o abastecimento, equaliza as taxas junto ao mercado financeiro e efetua aportes aos agentes que disponibilizam do recurso, ou exerce diretamente os financiamentos aos subsidiados. E pode também apoiar atividades derivadas, não diretamente ligadas à atividade em si, mas em pesquisa e desenvolvimento, serviços públicos de infraestrutura e a realização de eventos ligados ao setor (SANTOS E FREITAS, 2017).

Após décadas de apoio à industrialização, o governo brasileiro voltou a aportar recursos para o agronegócio¹ na década de 70, movimentando uma agricultura com potencial para o abastecimento do mercado interno, e também para favorecer a balança externa brasileira. Estudos das condições do território fizeram com que a agricultura tivesse um crescimento a partir de então, sendo um dos principais setores de destinação de investimento público no Brasil.

Para Fábio Chaddad,

Os objetivos e os programas de política agrícola adotados por diversos governos no Brasil mudaram significativamente nos últimos 50 anos. O período entre a metade da década de 1960 e o início da de 1980 foi caracterizado por uma intervenção “maciça” do governo na agricultura, basicamente por meio de crédito rural subsidiado e de mecanismos de garantia de preço, incluindo a aquisição por parte do governo e o armazenamento do excedente em armazéns da Conab (Chaddad, 2017, pág. 27).

O governo brasileiro atuou como norteador do desenvolvimento do agronegócio, com uma intervenção forte, conseguiu aumentar os ganhos produtivos das plantações e evitar doenças que acarretam perdas consideráveis. Todavia, ao contrário do que acontece no desenvolvimento de outros países, mesmo após décadas, o estado continua mantendo o papel de principal fomentador da atividade

¹ Agronegócio: é a junção de inúmeras atividades que envolvem de forma direta ou indireta, toda a cadeia produtiva agrícola ou pecuária. A partir daqui, será utilizada no presente trabalho como sinônimo de agricultura.

agrícola brasileira, mantendo-a em constante crescimento e na busca por produtividades recorde ano após ano.

2.2.2 Expansão do Crédito Agrícola

Para fomentar o crescimento do mercado agrícola brasileiro, o governo teve como uma de suas frentes, facilitar o acesso a programas de crédito direcionados. Essa política creditícia funciona como um financiamento direto à cooperativas e produtores rurais, e seus objetivos são financiar e reduzir os custos de safras, oportunizar a realização de investimentos a fim de otimizar os processos e também a comercialização das produções nacionais. As medidas governamentais aplicadas buscam agilizar a tomada de créditos a partir da redução de burocracias e também garantem recursos com juros menores aos produtores e suas associações.

No Brasil existe um departamento público que rege as políticas e diretrizes de concessão do crédito rural, criado na circular 1.536, o Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR). É constituído por quatro órgãos básicos, sendo eles: o Banco Central do Brasil, o Banco do Brasil S.A, o Banco da Amazônia S.A. e o Banco do Nordeste do Brasil S.A. O SNCR está sob a jurisdição do Banco Central do Brasil e cumpre as normas especificadas pelo Conselho Monetário Nacional. Cabe ao BACEN como controlador, através do circular número 1.536, do SNCR as seguintes atribuições:

- a) dirigir, coordenar e fiscalizar o cumprimento das deliberações do Conselho Monetário Nacional, aplicáveis ao crédito rural;
- b) sistematizar a ação dos órgãos financiadores e promover a sua coordenação com os que prestam assistência técnica e econômica ao produtor rural;
- c) elaborar planos globais de aplicação do crédito rural e conhecer de sua execução, tendo em vista a avaliação dos resultados para introdução de correções cabíveis;
- d) determinar os meios adequados de seleção e prioridade na distribuição do crédito rural e estabelecer medidas para zoneamento dentro do qual devem atuar os diversos órgãos financiadores, em função dos planos elaborados;
- e) estimular a ampliação dos programas de crédito rural, em articulação com a Secretaria do Tesouro Nacional (STN);

f) incentivar a expansão da rede distribuidora do crédito rural, especialmente através de cooperativas;

g) executar o treinamento do pessoal dos órgãos do SNCR, diretamente ou mediante convênios (Circular 1.536 do Banco Central do Brasil, 1989).

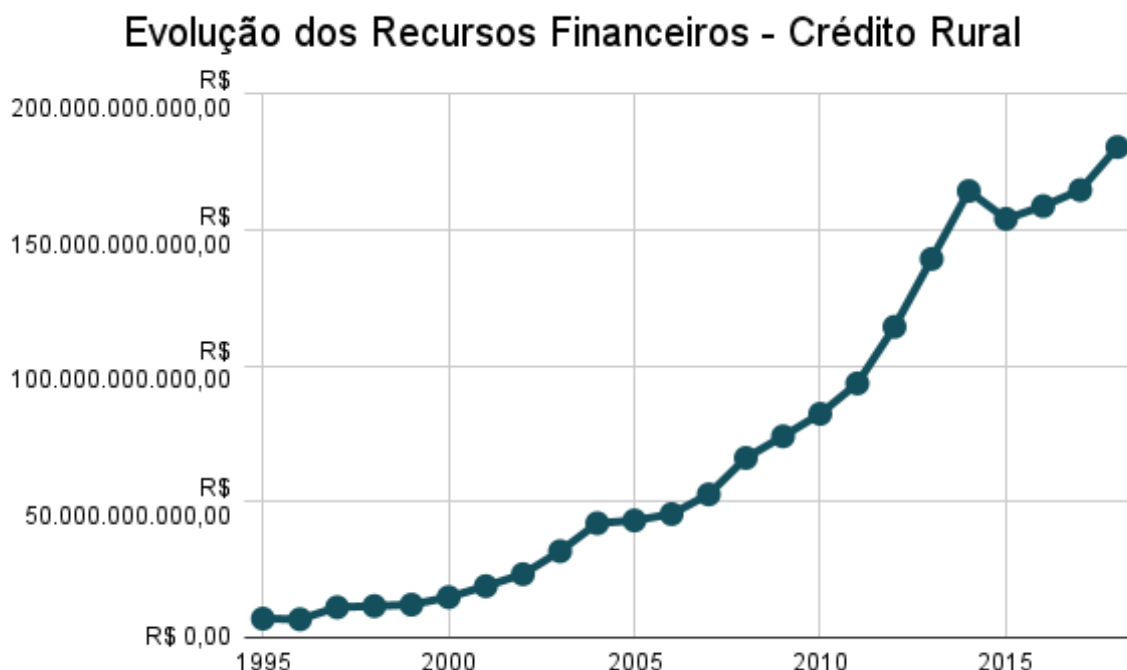
A partir da criação e normatização de um órgão responsável pela política creditícia rural no Brasil, houve uma maximização da distribuição e regulamentação do setor, que possibilitou ao país ampliar de forma consciente e profissional o acesso dos produtores rurais a diversos programas de crédito, com destinos e fundamentações variadas, para implementação, custeios, investimentos e demais operações que demandam do agricultor um maior aporte de recursos.

Dentre os órgãos formadores do SNCR, um dos mais importantes para o desenvolvimento do agronegócio nacional foi o BNDES, que a partir de programas de crédito agrícola como custeios e programas de apoio à agricultura familiar, repassa importantes quantias monetárias para o aprimoramento tecnológico do mercado primário brasileiro.

O crédito rural teve um papel importante para o crescimento mais forte do setor na década de 1970, e sofreu uma retraída na década de 1980 pois o governo precisava ajustar os gastos públicos devido ao cenário macroeconômico de aumento de juros da dívida externa e também dos choques do petróleo enfrentados no final dos anos 70. Após esse período, o crédito rural volta a ser expandido.

A figura 1 mostra a disponibilidade do crédito agrícola no Brasil em bilhões de reais (1975-2010) (valores reais corrigidos para a inflação pelo IGP-DI; valores expressos em reais de 2010).

Figura 1 - Disponibilidade do crédito agrícola no Brasil



Fonte: Dados obtidos no Banco Central do Brasil.

Conforme explica Chaddad (2017), O Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) foi estabelecido para disponibilizar crédito rural aos agricultores a taxas de juros abaixo daquelas praticadas no mercado. No início, o crédito rural era basicamente fornecido pelo governo federal por meio de bancos públicos, principalmente o Banco do Brasil e o Banco do Nordeste. As taxas de juros eram fixadas para proteger os agricultores da alta inflação, mas o sistema criou a necessidade de subsídios diretos do Tesouro Nacional para que fosse financeiramente viável. Entre 1975 e 1984, o apoio ao crédito preferencial a agricultores era acima de US\$150 por tonelada de grãos produzidos no país. A disponibilidade de crédito atingiu o pico em R\$123 bilhões, em 1979, e então teve de ser reduzida como parte dos ajustes macroeconômicos realizados nas décadas de 1980 e 1990, alcançando o nível mais baixo de R\$18 bilhões em 1996. Desde então, a disponibilidade de crédito rural aumentou de novo e alcançou R\$87 bilhões em 2010.

Após anos de apoio e subsidiando a industrialização do país, o governo brasileiro viu fragilizar o setor agrícola, desta forma passou a realizar aportes mais constantes na agricultura via créditos rurais direcionados. A expansão desse modelo

de crédito a partir da década de 70 fomentou e possibilitou à agricultura crescimento de produtividade e aumento do investimento dos produtores em capacitação tecnológica das fazendas, o que criou um ambiente mais próspero ao agronegócio nacional.

2.2.3 Investimento em Pesquisa e Desenvolvimento na Agricultura

O desenvolvimento agrícola brasileiro evoluiu em ciclos de produções distintas, para cada uma delas existia um determinado teor de pesquisa e desenvolvimento que condizem com o momento econômico de cada época, no primeiro ciclo os engenhos de açúcar aplicavam uma expertise que os portugueses colonizadores já possuíam em outros plantios, e com o café houve uma modernização para o melhoramento da eficácia das fazendas, ainda que rudimentar, essas mudanças tornaram o Brasil o maior produtor de café do mundo.

Segundo Vieira e Vieira Filho (2013), houveram três fases distintas na pesquisa agropecuária brasileira, a primeira reflete o período até os anos 1900, destacando a ausência de pesquisa, a baixa competitividade no mercado internacional e as monoculturas. O segundo período compete entre os anos 1900 e 1973, onde há um início, ainda que baixo da pesquisa e desenvolvimento voltado à agricultura, um aumento no número de produtos exportados, englobando também mudas e sementes, e um desenvolvimento isolado e desorganizado desse mercado, a terceira era é denominada “era Embrapa”, e diz respeito aos anos seguintes a 1973.

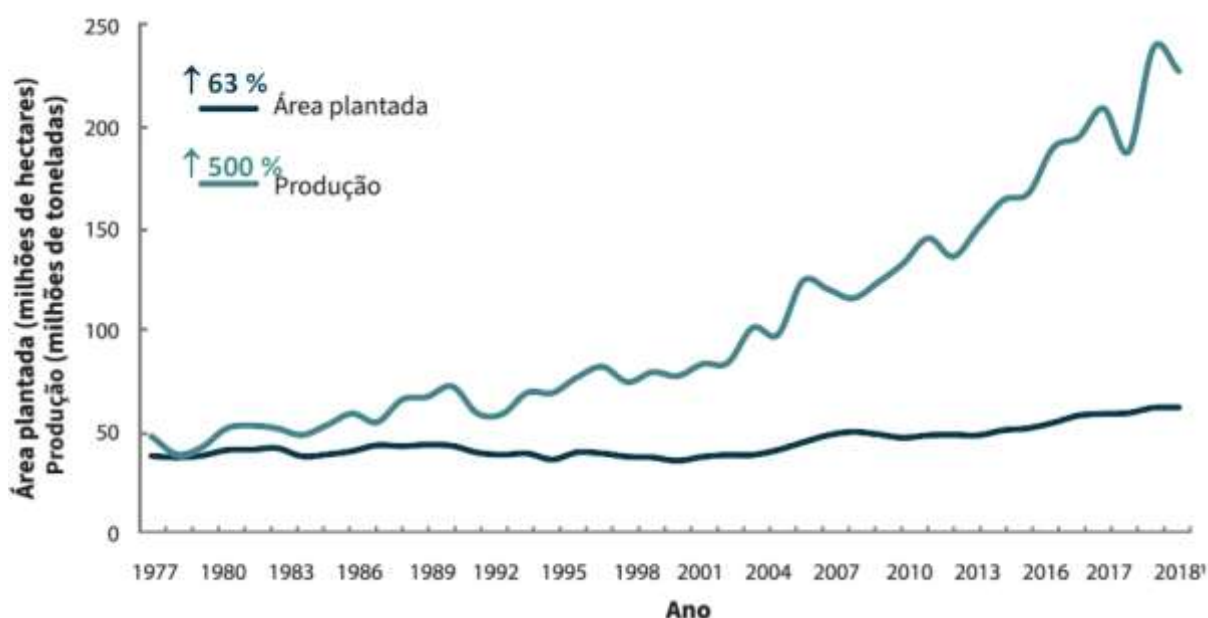
A Embrapa é uma empresa estatal brasileira que capta recursos de diversas frentes a fim de financiar a pesquisa agropecuária. Tem por característica a divisão entre várias sub empresas, cada uma adaptada a uma região diferente, que faz projetos e aplica em diferentes solos, diferentes climas e diferentes características de cada região produtora.

A formação de um núcleo específico para pesquisa agrícola, mostra a preocupação do estado brasileiro em melhorar a competitividade deste ramo internacionalmente, e também, fortalecer o agronegócio, a fim de tornar o Brasil uma potência agrícola, que possa competir frente ao mercado de países desenvolvidos, como os Estados Unidos e a Austrália. A centralização das pesquisas ocorreu juntamente com a criação do SNCR, o que tornou a administração das políticas rurais

centralizadas em órgãos competentes que puderam dar um andamento mais sólido ao desenvolvimento da agropecuária no país.

O investimento em pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias, adaptáveis ao solo brasileiro, juntamente com a expansão do crédito e a centralização das políticas, mostrou-se eficiente quanto ao crescimento da produção nacional em comparação ao aumento das terras plantadas, conforme dados do CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento) na figura 2: Área plantada e produção entre os anos 1977 e 2018.

Figura 2 - Área plantada X produção



Fonte: Dados do CONAB (Conselho Nacional de Abastecimento).

A Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) foi criada em 1974 como uma empresa pública para coordenar uma rede pública de institutos de pesquisas estaduais e universidades. A Embrapa foi designada como o “braço de pesquisa” do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e recebeu a maior parte dos investimentos públicos brasileiros em pesquisa e desenvolvimento agrícolas. Os investimentos públicos em P & D (Pesquisa e Desenvolvimento) agrícolas realizados pela Embrapa aumentaram substancialmente desde 1974, e atingiu o pico de R\$1,4 bilhão em 1996 (Chaddad, 2017).

O estado brasileiro cria a partir de várias frentes, núcleos de desenvolvimento do agronegócio, a Embrapa personifica o investimento público em pesquisa e

tecnologia agrícola, capta investimentos do setor público e do setor privado, e os aplica ao campo, a fim de gerar um crescimento exponencial da produção a partir da melhor utilização e cuidados com o solo, também o desenvolvimento de defensivos agrícolas e fertilizantes adequados, análises dos solos brasileiros, todos esses fatores levaram ao crescimento evidenciado anteriormente do agronegócio nacional.

O presente capítulo expôs como ocorreu a expansão da atividade agrícola, a partir dos ciclos econômicos do açúcar, do café e da industrialização. O mesmo enfatizou os momentos de monoculturas e agricultura de subsistência, até o surgimento de políticas ligadas ao desenvolvimento do agronegócio, de sistemas públicos voltados ao crédito rural e a introdução de pesquisas e desenvolvimento de tecnologias. Fatores que aumentaram a produtividade do solo brasileiro, e adaptaram as plantações aos climas e diferentes ambientes geográficos do país.

3 O MERCADO AGRÍCOLA NO BRASIL E NA AUSTRÁLIA

A partir da evolução agrícola, o Brasil tornou-se um dos principais participantes do mercado mundial do setor, devido à profissionalização dos campos, através de subsídios governamentais aos estudos voltados para a agricultura e seu desenvolvimento e com a criação do Sistema Nacional de Crédito Rural e da Embrapa.

O Brasil é o principal produtor e exportador de café, açúcar, etanol de cana-de-açúcar e suco de laranja do mundo. Além disso, lidera o ranking das vendas externas do complexo da soja (farelo, óleo e grão). A agricultura se destaca como um dos setores da economia que mais cresce na produção de alimentos, geração de riquezas e distribuição de renda. É também uma das principais atividades geradoras de trabalho e renda na América latina, segundo relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) (REVISTA GLOBO RURAL, 2015).

Diante do exposto, o presente capítulo tem por objetivo mostrar a participação da agricultura no PIB e na balança comercial brasileira, bem como evidenciar a evolução quantitativa histórica da produção brasileira no setor, nomeando os produtos mais representativos do mercado nacional.

3.1 PRINCIPAIS PRODUTOS DA AGRICULTURA NACIONAL

Os campos brasileiros produzem anualmente uma ampla variedade de produtos agrícolas, cultivam-se no mercado nacional espécies frutíferas, granulares, pastagens, e encontram-se também criação de animais com finalidades diversas, como o corte e a extração de produtos derivados de origem animal, como o leite.

No Brasil, os produtos agrícolas de destaque são os grãos, dentre eles, os principais são a soja, o milho, o arroz e o feijão. De acordo com o primeiro levantamento da safra de grãos 2020/21, o Brasil deve ter uma produção recorde no período, estimada em 268,7 milhões de toneladas, volume 4,2% maior que o recorde da safra 2019/20, que totalizou 257,7 milhões de toneladas de grãos (Dados do CONAB).

3.1.1 Soja

As sementes de soja foram introduzidas no Brasil a partir de estudos realizados pelo professor Gustavo Dutra, da Escola de Agronomia da Bahia e levaram uma década para serem distribuídas aos produtores brasileiros, tendo a sua produção iniciada no estado do Rio Grande do Sul, por este possuir um clima e características parecidas com a região sul dos Estados Unidos, onde a soja já era uma cultivar difundida.

A soja passou a ter um papel importante na economia a partir da década de 40, onde a produção brasileira adentrou as estatísticas internacionais do cultivo da espécie. A seguir, na tabela 1, visualiza-se a produção e o total exportado pelos principais produtores mundiais do grão.

Tabela 1 - Produção e exportação total de soja

Maiores produtores		Produção total em milhões de toneladas	Maiores exportadores		Exportação total em milhões de toneladas
1°	Brasil	124,845	1°	Brasil	74,1
2°	Estados Unidos	96,676	2°	Estados Unidos	55,1
3°	Argentina	49,6	3°	Paraguai	5,8

Fonte: Departamento de Agricultura dos Estados Unidos - USDA.

Conforme demonstra a tabela 1, com 36,950 milhões de hectares, o Brasil é o maior produtor e o maior exportador mundial de soja. (Safrá 2019/2020). A produção nacional corresponde a pouco mais de 37% da produção mundial do grão. Sendo os Estados Unidos o segundo maior produtor e exportador com cerca de 96,676 milhões de toneladas produzidas na mesma safra, a Argentina aparece como a terceira maior produtora, todavia, devido às crises econômicas vividas nos últimos anos, vem perdendo espaço no cenário internacional, sendo superada nas exportações pelo Paraguai.

A figura 3 mostra quais são os maiores produtores de soja por estado brasileiro na safra de 2019/2020.

Figura 3 - Maiores produtores nacionais de soja



Fonte: Dados do CONAB para a safra de 2019/2020.

Com base nos dados disponibilizados no portal da EMBRAPA, os três estados com maior produção de soja no Brasil são o Mato Grosso, Paraná, Goiás e Rio Grande do Sul, conforme demonstrado na figura 3 na sequência. Os quatro estados respondem por cerca de 56% da produção total brasileira, sendo o Mato Grosso o estado mais representativo na produção do grão no mercado nacional.

A figura 4 apresenta a destinação em percentual da produção de soja brasileira, dividida entre mercado interno e externo.

Figura 4 - Destinação da produção de soja brasileira



Fonte: Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE)

Conforme dados da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE) incluídos na figura 4, o Brasil exporta um montante equivalente a 67,9% da produção total de soja, sendo dividida entre o grão in natura, farelo e o óleo de soja. Essas exportações totalizaram uma entrada de U\$ 32,6 bilhões na economia brasileira, o restante do produto é consumido pelo mercado interno brasileiro, como verificado pela AGROSTAT (Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro).

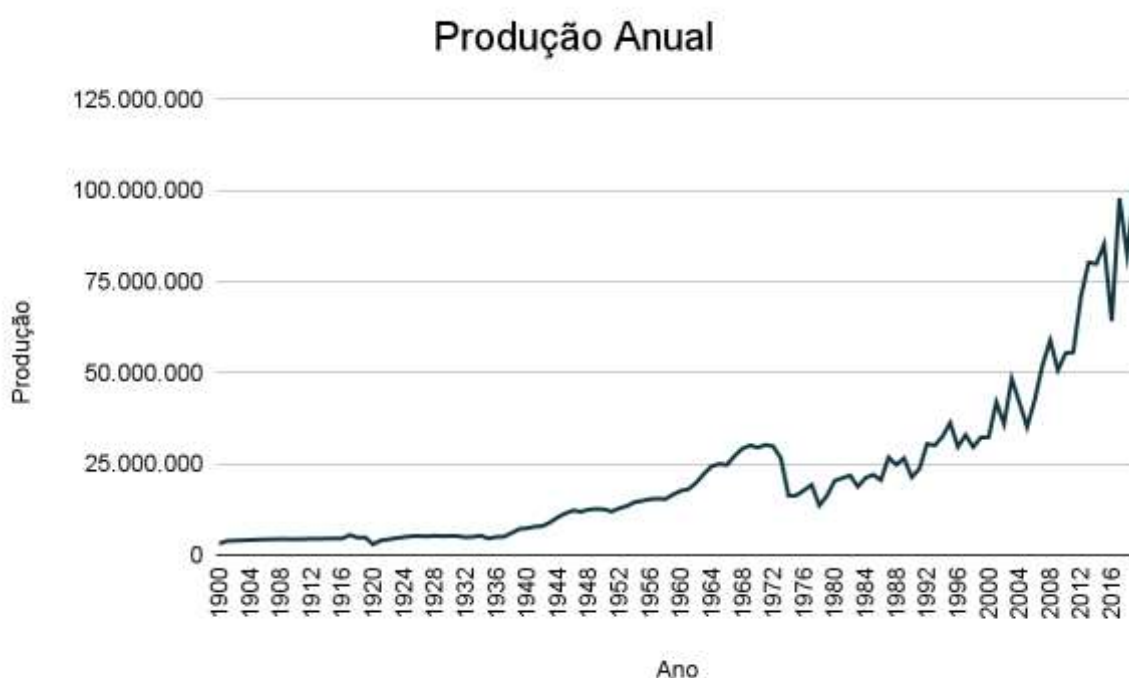
A soja pode ser transformada em ração animal, óleo de cozinha e até combustível, é um produto que movimenta o mercado brasileiro, principalmente ao atender a demanda chinesa. A tentativa brasileira de igualar a produção de soja com a já existente nos Estados Unidos obteve um resultado satisfatório, e mesmo sem haver um pioneirismo nessa produção, houve competência de processos para desenvolver o cultivo do grão e tornar o Brasil o principal produtor mundial de soja.

3.1.2 Milho

A produção de milho brasileira não é datada, inicialmente o grão já era base alimentar e do cultivo indígena, e um produto muito difundido pela América no período que antecede a colonização do continente pela chegada dos europeus. Entretanto, a produtividade dos milharais cresceu com a chegada dos europeus, que logo também utilizaram o milho como base alimentar. O grão alimentou indígenas, escravos e europeus colonizadores, e posteriormente, em tempos mais recentes (a partir da década de 70), a produção do milho passou a ser de escala.

A figura 5 representa a produção total de milho em toneladas a partir do ano de 1900.

Figura 5 - Produção anual de milho em toneladas



Fonte: Dados coletados no IPEADATA.

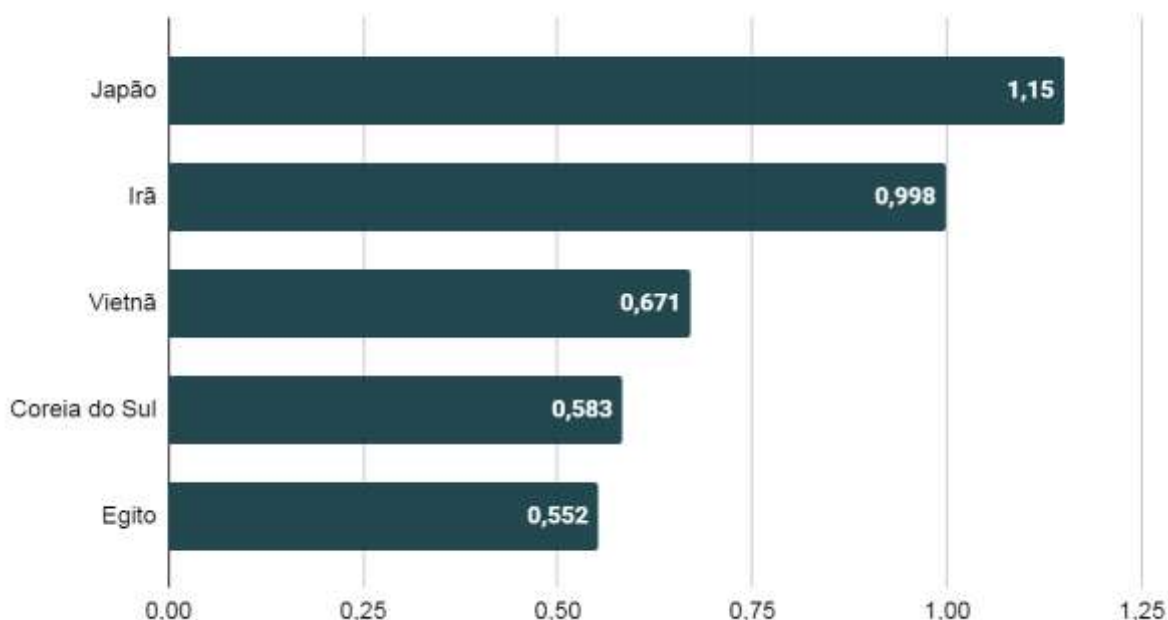
A partir da análise da figura 5, é notável que a produção de milho no Brasil passou por décadas de estagnação, até começar seu desenvolvimento a partir da década de 1970, fator que pode estar relacionado ao incremento nas pesquisas, após o surgimento da Embrapa em 1973. Ocorre um salto de produtividade nas décadas seguintes, que chegaram ao total de 101,1 milhões de toneladas produzidas no ano

de 2019. Um crescimento de mais de 32 vezes do total produzido no início do período analisado.

Mesmo sofrendo com a estiagem, a safra 2019/2020 de milho no Brasil, atingiu um total de 97,5 milhões de toneladas, que representou uma queda de 3% em relação ao ano anterior, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Da quantidade colhida, 34,67 milhões de toneladas foram destinadas ao mercado exterior, como apontado pelo *Comex Stat*², a figura 6 a seguir, representa os principais destinos da produção brasileira do grão.

Figura 6 - Destinação da exportação de soja

Exportação de milho em bilhões de dólares



Fonte: Dados obtidos no Comex Stat - Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços.

O Japão importou do milho brasileira no ano de 2020, um valor de aproximadamente 1,15 bilhões de dólares, com um total de 16,3 milhões de toneladas adquiridas, um montante de 16% do total da produção brasileira do grão. Seguido por Irã, Vietnã e Coréia do Sul, denota-se que a Ásia é o principal mercado para o milho brasileiro no mundo.

² Comex Stat: Portal para acesso gratuito às estatísticas de comércio exterior do Brasil. Vinculado ao Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços.

Diferentemente da soja, que foi trazida ao Brasil por pesquisadores e difundida primeiro dentro das universidades, o milho é considerado uma cultura milenar da América Latina, sendo o grão cultivado pelos povos nativos do Brasil, antes mesmo da chegada dos colonizadores. Teve o seu desenvolvimento após as décadas de 60 e 70, e o maior crescimento a nível de mercado em escala observado a partir dos anos 2000. O milho é o segundo grão mais comercializado pelo mercado brasileiro, e representou, em 2019, uma renda de mais de R\$ 47 bilhões.

3.1.3 Carne

O segundo produto mais representativo da agropecuária no Brasil nos anos de 2019 e 2020 foi a carne. O país é líder mundial na produção e exportação de carne bovina, devido ao seu vasto rebanho, todavia, também se destaca na produção de carne suína e de aves, principalmente o frango.

Segundo dados da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC), o país encerrou o ano de 2020 com uma exportação recorde de mais de 2 milhões de toneladas de carne, o que representa US\$ 8.533 bilhões de receita para o setor. Esse crescimento foi alavancado também pelo efeito do coronavírus em países de grande produção de carnes como a Austrália e os Estados Unidos, sendo que no Brasil o setor de abates e corte praticamente não teve paralisação e foi um dos que menos sentiram os efeitos da pandemia. O país é hoje o segundo maior produtor mundial da proteína bovina, com cerca de 10,3 milhões de toneladas, fica atrás apenas dos Estados Unidos que alcançaram a marca de 12,5 milhões de toneladas para o mesmo período.

A figura 7, a seguir, apresenta em percentual, os maiores compradores da carne produzida no Brasil.

Figura 7 - Compradores mundiais da carne brasileira



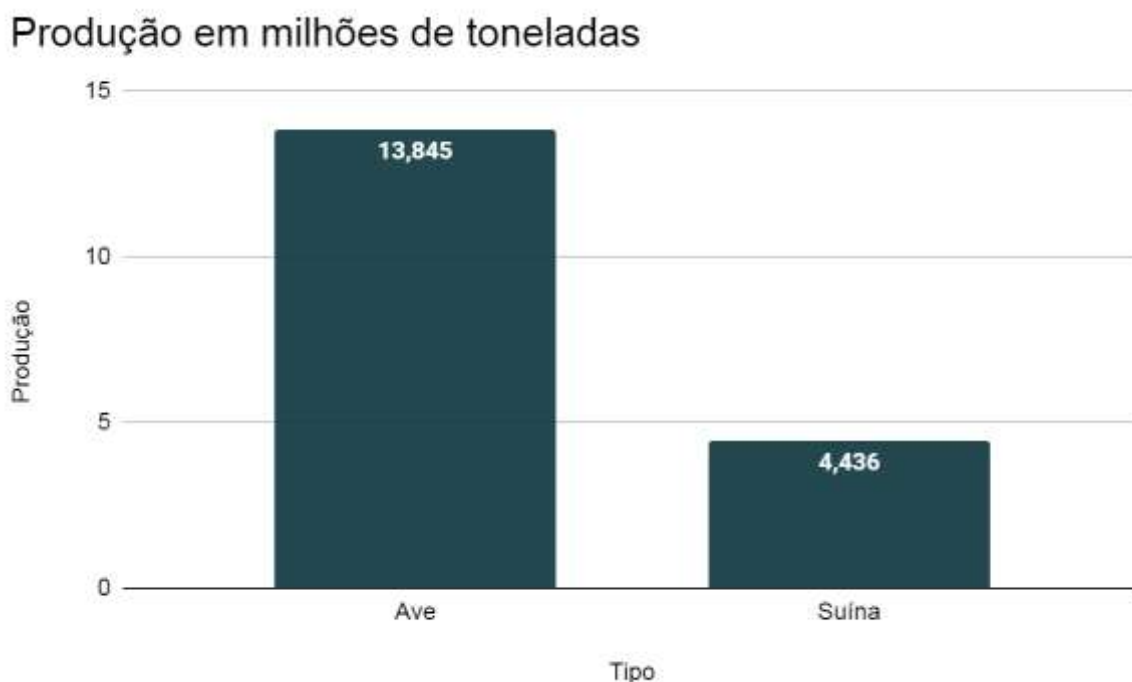
Fonte: dados do ComexVis – de Janeiro a Dezembro 2019

Observa-se pela figura 7 que a China e Hong Kong são os dois maiores mercados internacionais para a carne brasileira, somados respondem por mais da metade de todas as exportações da mercadoria. No entanto, a China sozinha responde por 41%, sendo a maior compradora, 30% à frente de Hong Kong. Outros países também são destacados, como o Egito e o Chile, porém, o continente asiático como um todo é o líder de destinação da carne brasileira.

Dentre os tipos de carnes comercializadas pelo Brasil, a bovina é a mais representativa, não em quantidade de produção, pois fica atrás do total de abates de frango, mas sim no valor que o produto representa na renda nacional. Com base em levantamento da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério da Economia, em 2020 a renda brasileira com a exportação de carne bovina foi de US\$ 8,4 bilhões. Entretanto, a maior fatia da produção de corte é consumida no mercado interno, em 2019, conforme dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) o Brasil destinou apenas 22,7% da produção às exportações.

Além da carne bovina, produz-se no Brasil em escala, carne de aves, principalmente frango e a carne de suínos. A figura 8 demonstra a quantidade produzida em milhões de toneladas de ambas em 2020.

Figura 8 - Produção de carne de aves e de suínos em 2020

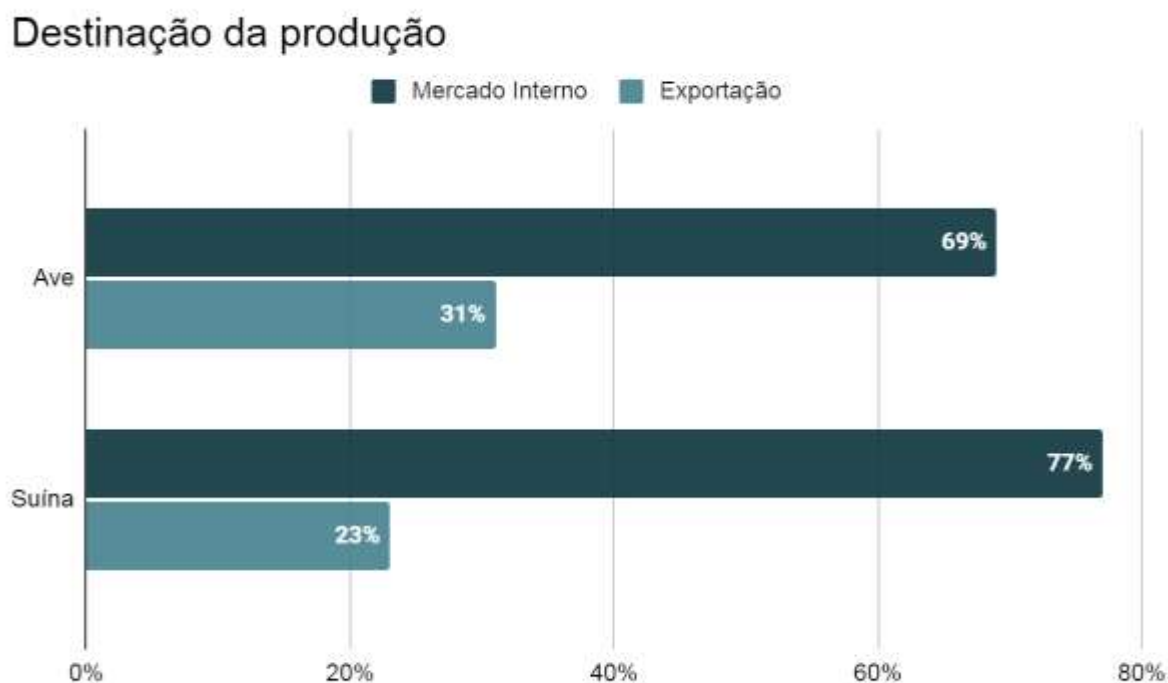


Fonte: Estatísticas e desempenho da produção brasileira de 2020, conforme dados da EMBRAPA.

Na quantidade total, em termos absolutos, a carne de frango representa a maior parte da produção, com cerca de 3 milhões de toneladas a mais do que a carne bovina, todavia, não atingiu o mesmo patamar na comparação do valor total, por se tratar de uma das mais baratas do mercado, o que explica também a maior quantidade consumida, principalmente no mercado interno. A carne suína responde por uma produção anual de 4,4 milhões de toneladas, sendo a terceira mais representativa da classe de abates brasileiros.

É fato que o Brasil é um dos maiores exportadores de carne do mundo, abastecendo diversos países em todos os continentes, contudo, a maior fatia da produção brasileira destina-se para o abastecimento interno, conforme demonstrado na figura 9 abaixo.

Figura 9 - Destinação da produção nacional de carne de aves e suínos



Fonte: Estatísticas e desempenho da produção brasileira de 2020, conforme dados da EMBRAPA.

Líder mundial nas exportações de carne de frango, e quarto colocado nas exportações de carne de suínos, o maior consumidor dos cortes nacionais é o mercado interno. A carne de frango é a mais consumida pelos brasileiros, representa um consumo 45,27 kg de carne per capita, frente ao consumo de 16 kg de carne per capita, explicado pelo preço mais acessível da proteína aviária na realidade brasileira de renda. Do total da produção de carne de frangos e suínos o Brasil exporta 27% do total, o restante é destinado ao consumo interno.

Historicamente o Brasil aproveitou os animais, como força de tração, meio de transporte e também para o consumo das famílias, em épocas onde não havia um comércio desenvolvido e a economia era majoritariamente de subsistência. Entretanto, o movimento de evolução de técnicas e processo visto em outros setores do agronegócio, também afetou a produção de rebanhos de corte, o número de animais no território brasileiro aumentou e conseqüentemente a produção para abastecer tanto o mercado interno quanto o externo.

A carne brasileira alimenta os moradores nacionais e chega a uma grande fatia de países em todos os continentes, principalmente na Ásia, onde a China é o maior consumidor da proteína brasileira. Com o desenvolvimento das técnicas de criação e produção, o aumento dos rebanhos transformou o consumo das carnes em uma das maiores fontes de renda do agronegócio nacional.

3.1.4 Demais Produtos

Além dos já citados, outros produtos são muito representativos na agropecuária brasileira, como o milho, o leite e a cana de açúcar. O Brasil é dono de um mercado agrícola crescente nos últimos anos, e desta forma, possui uma vasta gama de produtos.

A maior parte da produção nacional fica concentrada em alguns poucos produtos, a soja, o milho e o arroz respondem sozinhos por 92,7% do total da produção brasileira e também por 87,1% da área plantada, conforme dados do IBGE. Entretanto, existem mais produtos que mesmo sem a quantidade significativa de produção que exista na soja, no milho e no arroz, representam um valor importante para a economia nacional.

A figura 10, a seguir, mostra o valor bruto (VBP), em bilhões de reais, da produção brasileira nos anos de 2019 e 2020 dos principais produtos do mercado nacional.

mas que colocam o Brasil em destaque mundial pela quantidade produzida. A laranja é um deles, a produção dos laranjais brasileiros corresponde a 30% do total mundial colhido do produto, sendo que os maiores produtores são os estados da Bahia e São Paulo. Outro produto que também destaca o Brasil frente às demais nações é o tabaco, que mesmo sendo um produto prejudicial à saúde e que tem a sua produção restrita, ainda é muito rentável e o Brasil é o principal produtor mundial da planta.

De acordo com dados expostos pela Secretaria de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SCRI - MAPA), o Brasil possui uma expressiva produção de cacau a nível mundial, sendo que do total colhido no Brasil, cerca de 90% é destinado à exportação. As plantações de cacau são muito comuns no norte e nordeste brasileiro, e os maiores concorrentes do país são as nações africanas, como Gana e Costa do Marfim.

O Brasil é um país de diversidade, por ser grande em território, possui em um só povo, diversas culturas, em um só território diversos climas e biomas, e isso influencia também no modelo agrícola nacional, cada região cultiva produtos diferentes, que melhor se adaptam às condições de cada estado e isso faz do Brasil um país produtor de uma ampla variedade de produtos agrícolas que abastecem o mercado interno e uma fatia expressiva do mercado externo.

3.2 DADOS ESTATÍSTICOS DA AGRICULTURA BRASILEIRA

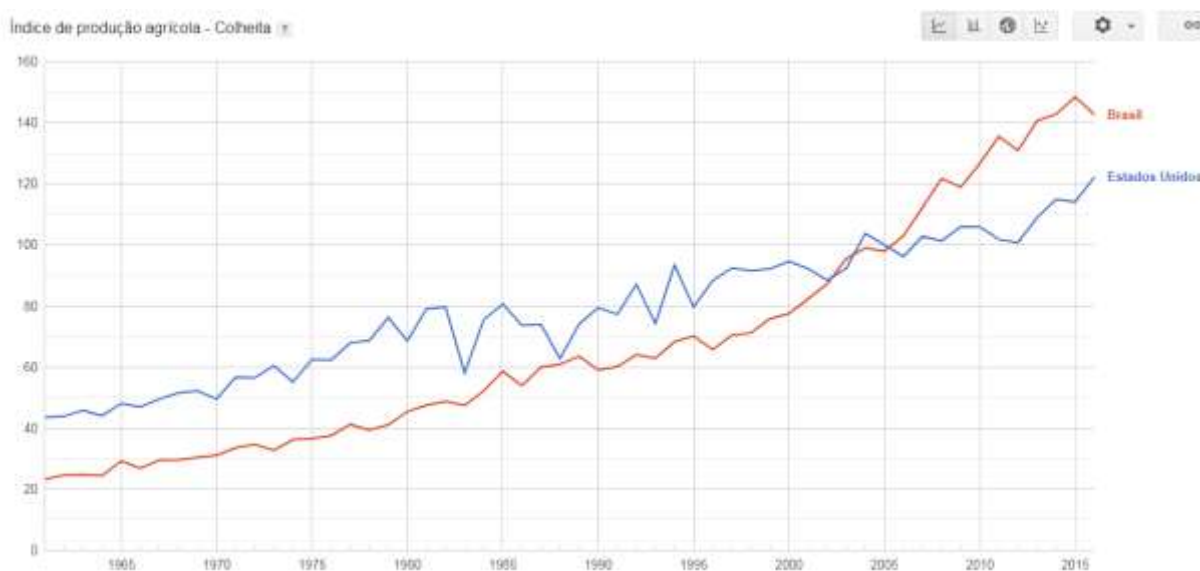
O sistema agrícola brasileiro evoluiu com os anos, inicialmente, mantinha-se sobre as monoculturas. O açúcar foi a base econômica do período colonial, e perdurou por quase dois séculos a frente da produção brasileira. Após o açúcar, o papel de destaque agrícola foi retomado pelo café, os cafezais brasileiros trouxeram consigo a história, o conhecido ciclo do café perdurou por quase 130 anos, sendo compactado entre 1800 e 1930. O café também foi o principal motor econômico e exportador de sua época.

A agricultura brasileira desponta como uma das maiores do mundo, assim o Brasil se constitui no terceiro maior exportador mundial de produtos primários, e fica atrás dos Estados Unidos e do Reino dos Países Baixos (Holanda) nesse ranking. A adaptação climática dos produtos plantados e cultivados, a monitoração das doenças

tropicais que podem recair sobre as plantações e as criações, os investimentos em tecnologia no campo transformaram a realidade agrícola do país.

A figura 11, a seguir, mostra um comparativo entre o Índice de produção agrícola - Colheita³, brasileiro e norte-americano.

Figura 11 - Comparação da colheita de Brasil e Estados Unidos



Fonte: Google Public. Data (Dados do Banco Mundial).

Diante da figura 11, observa-se que o Brasil produz mais, pois exporta uma quantidade significativa da sua produção, e também abastece a maior parte do mercado interno. Enquanto os Estados Unidos trabalham com uma agricultura voltada mais para o mercado externo, principalmente nas produções de milho e soja, que são as maiores do país, sendo a China o principal mercado consumidor desses produtos. Entretanto, os Estados Unidos são o segundo maior importador de alimentos do mundo, atrás somente da China.

A partir da análise da figura 11 é perceptível que os Estados Unidos mantêm um crescimento constante e estável na produção, desde o ano 1961, onde iniciam-se os dados coletados, por sua vez, o Brasil demonstra um crescimento mais brando nas

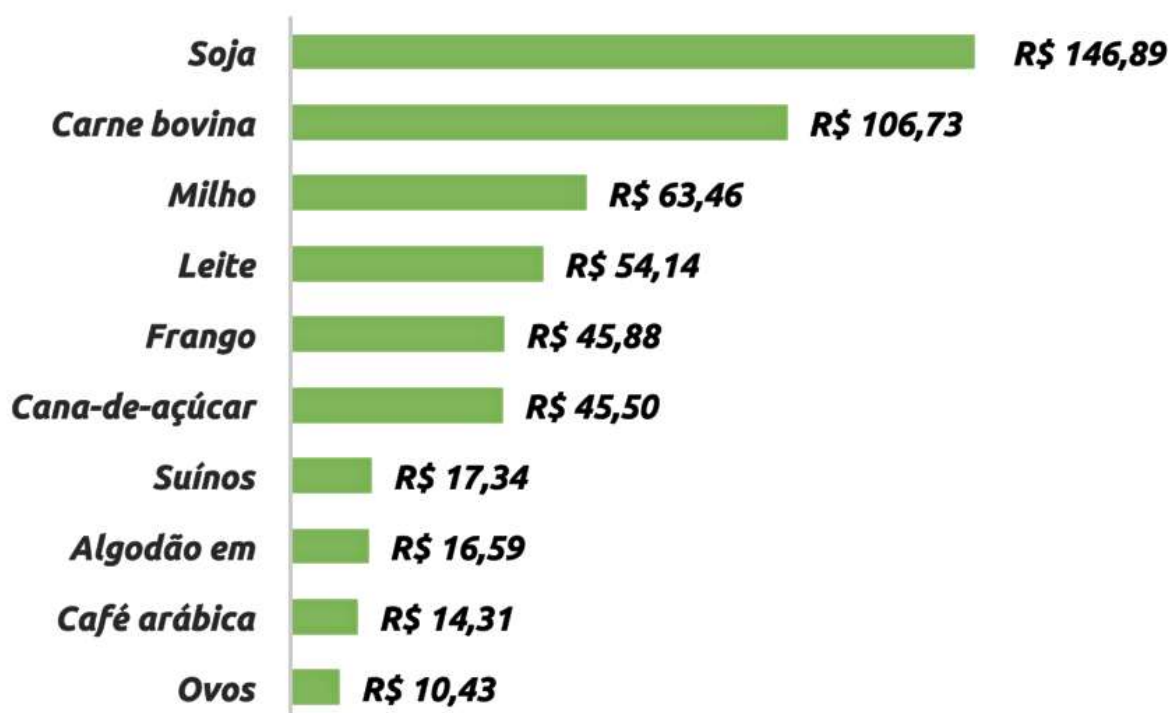
³ Índices de produção agrícola são determinados pela Organização para Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO). A FAO obtém dados de relatórios oficiais e semi oficiais sobre produção agrícola, área em produção e número de cabeças de gado. As quantidades de produção de cada mercadoria são ponderadas pela média dos preços internacionais das mercadorias no período-base e somados para cada ano. O índice pode medir três variáveis, sendo elas: colheita, pecuária e alimentos.

primeiras décadas do estudo e uma subida forte da produção a partir da década de 1990, sendo que a partir do ano de 2006, efetivamente o índice brasileiro ultrapassa o norte-americano, no último ano medido pelo estudo o índice brasileiro somava uma pontuação total na colheita de 142,65 milhões de toneladas enquanto os Estados Unidos ficaram com 122,19 milhões de toneladas.

Dentre o produto total gerado pela agropecuária no Brasil, a agricultura tem maior destaque no cenário, a mesma gerou cerca de 76% da produção, enquanto a pecuária responde por cerca de 24%, o que, respectivamente, representa aproximadamente de R\$ 1,07 trilhões e R\$ 365 bilhões.

A figura 12 mostra os produtos que mais renderam em valor no ano de 2018, em bilhões de reais.

Figura 12 - Valor bruto da produção em 2018



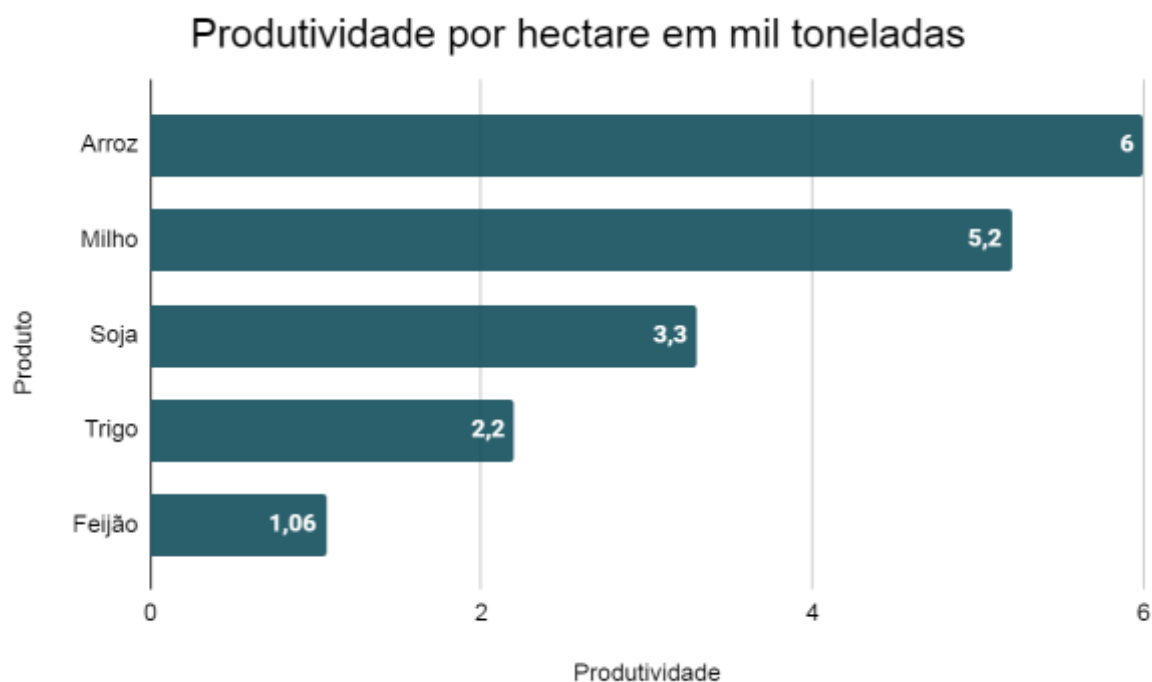
Fonte: CNA, Estimativa Jan/2018 (preços reais - IGP-DI).

Analisando a figura 12 é possível constatar que para as 10 maiores produções brasileiras no período estudado, a soma total dos valores gera um capital de R\$ 475,77 bilhões. Desse total, a soja e a carne bovina respondem conjuntamente por 53,3% do valor bruto das produções, o que mostra que existe uma concentração no mercado e uma produção de escala para esses segmentos, enquanto os demais se

concentram em menos regiões produtoras, e não possuem um valor de mercado estimado como a soja e a carne.

A seguir, a figura 13, mostra as maiores produtividades por hectare observadas no Brasil para a safra de 2017.

Figura 13 - Produtividade por hectare plantado em 2017



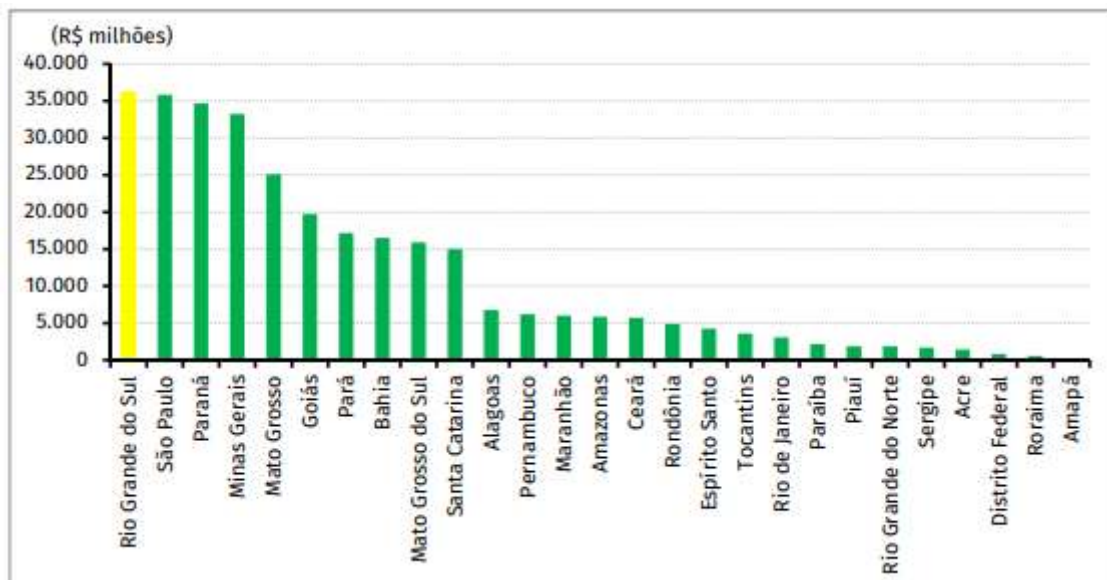
Fonte: Dados do IBGE para o ano de 2017.

De acordo com os dados apresentados no decorrer do trabalho, observa-se que a soja ocupa um papel de destaque no segmento agrícola brasileiro, entretanto, quando se analisa a produtividade das plantações nacionais, o arroz aparece como primeiro colocado, com uma produção média de 6 mil toneladas por hectare plantado, enquanto a soja é a terceira maior, com uma produção estimada de 3,3 mil toneladas por hectare, a fim de demonstrar que a soja, mesmo sendo o produto mais colhido no Brasil, não é o que possui maior produtividade.

Todos os estados da federação possuem produção agropecuária, os mesmos diferenciam-se pelos produtos que são cultivados e comercializados por cada um. Em 2018 o IBGE fez um estudo denominado Contas Regionais do Brasil, e um dos

resultados apurava o VAB (Valor Adicionado Bruto) das produções agrícolas de cada estado brasileiro. Conforme pode-se observar na figura 14 a seguir.

Figura 14 - Valor adicionado bruto por estado brasileiro

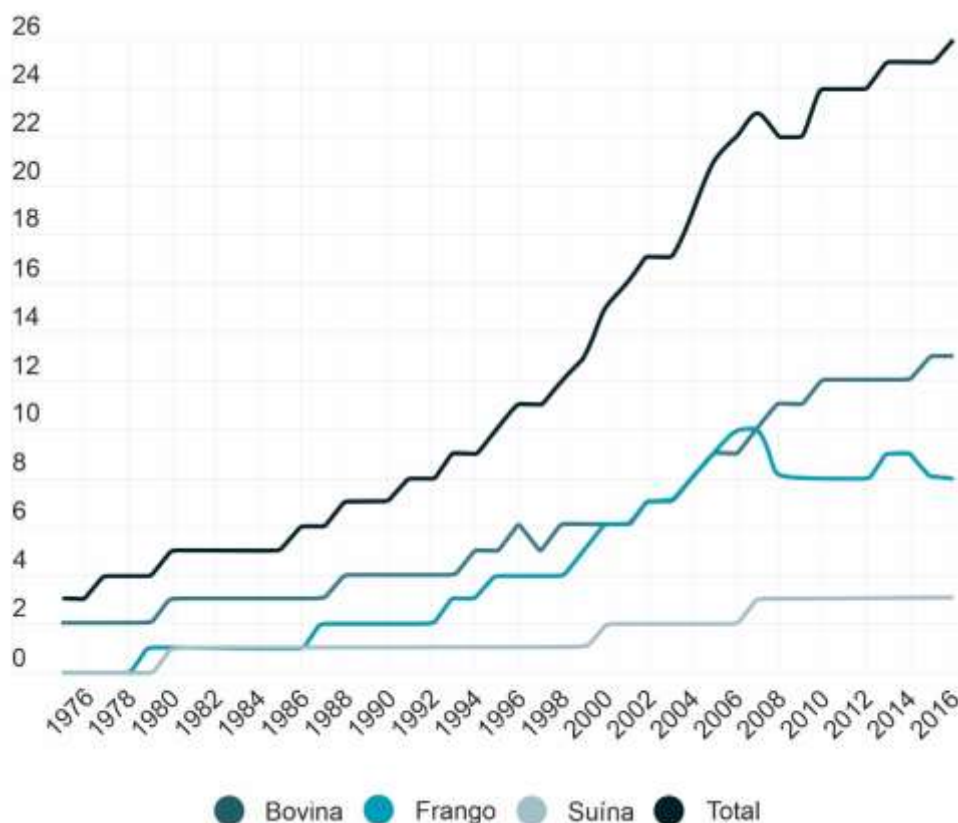


Fonte: Contas Regionais do Brasil (IBGE - 2018).

Dentre todos os estados, o Rio Grande do Sul tem papel destaque nacional pela sua participação no mercado de soja e milho, e também com outros plantios, como do tabaco. O estado gaúcho contempla algumas produções de menor escala que em geral, acontece em propriedade de agricultura familiar, como o morango, o pêssego e a uva. Em 2016 o estado liderou o ranking nacional de VAB (Valor Adicionado Bruto) da produção agrícola nacional, conforme números do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), seguido por São Paulo e Paraná. A imagem demonstra que a maior geração de valor da agricultura brasileira encontra-se nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

A figura 15, a seguir, mostra a produção total de carne brasileira no período compreendido entre 1976 e 2016, em milhões de toneladas.

Figura 15 - Produção total de carne por ano



Fonte: Embrapa - Trajetória da agricultura brasileira

Segundo dados da EMBRAPA, a avicultura era uma atividade voltada para subsistência na primeira metade do século XX, mas rapidamente tornou-se uma sofisticada criação comercial. Entre 1950 e 1970, o setor foi radicalmente transformado pela entrada de empresas processadoras no mercado, que estabeleceram o modelo de integração vertical. Neste formato, as empresas controlam e padronizam o processo produtivo, fornecendo pintos, insumos e assistência técnica aos criadores, que, por sua vez, conduzem o crescimento das aves até o abate. A modernização da produção levou a um aumento expressivo da produção de carne de frango, que passou de 217 mil toneladas em 1970 para 12,9 milhões de toneladas em 2016, isso consolidou o Brasil como o maior exportador mundial do produto (EMBRAPA, 2018).

A figura demonstra que o Brasil é competitivo, também, na criação de bovinos, principalmente na destinação do gado para corte. O mercado de carne bovina é o segundo maior em movimentação de capital dentro do país, em 2016 a população de

bovinos no Brasil era maior do que a população de humanos, tendo o país em seu território 218,23 milhões de cabeças de gado, enquanto sua população era de 208 milhões de pessoas, conforme dados do IBGE.

O Brasil é líder de exportação de carnes no mundo, tendo seus produtos vendidos para praticamente todos os países. Em toneladas produzidas, a carne de frango lidera o mercado (13 milhões de toneladas produzidas em 2016), seguido pelo corte bovino (8 milhões de toneladas) e pelos suínos (3 milhões de toneladas). O total de cortes produzido no território nacional, somando outros tipos menores de criações é de 26 milhões de toneladas por ano, conforme dados da EMBRAPA em 2016.

Esse setor ficou com um saldo positivo no balanço geral de empregos em 2019 de 14.366 vagas, sendo o quarto maior setor na geração de emprego no país, devido às suas características sazonais, é um setor que contrata muitas pessoas, 999,9 mil trabalhadores em 2019, mas também demite muito, 985,5 mil trabalhadores, pois suas contratações normalmente são temporárias, e após os finais de safras, muitos trabalhadores acabam sendo desligados, conforme dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED).

A agropecuária é um setor importante para a economia brasileira, e se bem trabalhada, pode ser um dos motores do desenvolvimento socioeconômico da nação, como vemos outros exemplos de sucesso no mundo, bem como a Austrália, que mesmo sendo uma economia de setor primário, é competitiva, desenvolvida e com muita credibilidade no mercado externo. A agricultura pode levar um país a subir de patamar, e o Brasil tem solo, clima e condições férteis para que essa seja, também, um dos motores de desenvolvimento.

3.3 A PARTICIPAÇÃO DA AGRICULTURA NO PIB BRASILEIRO

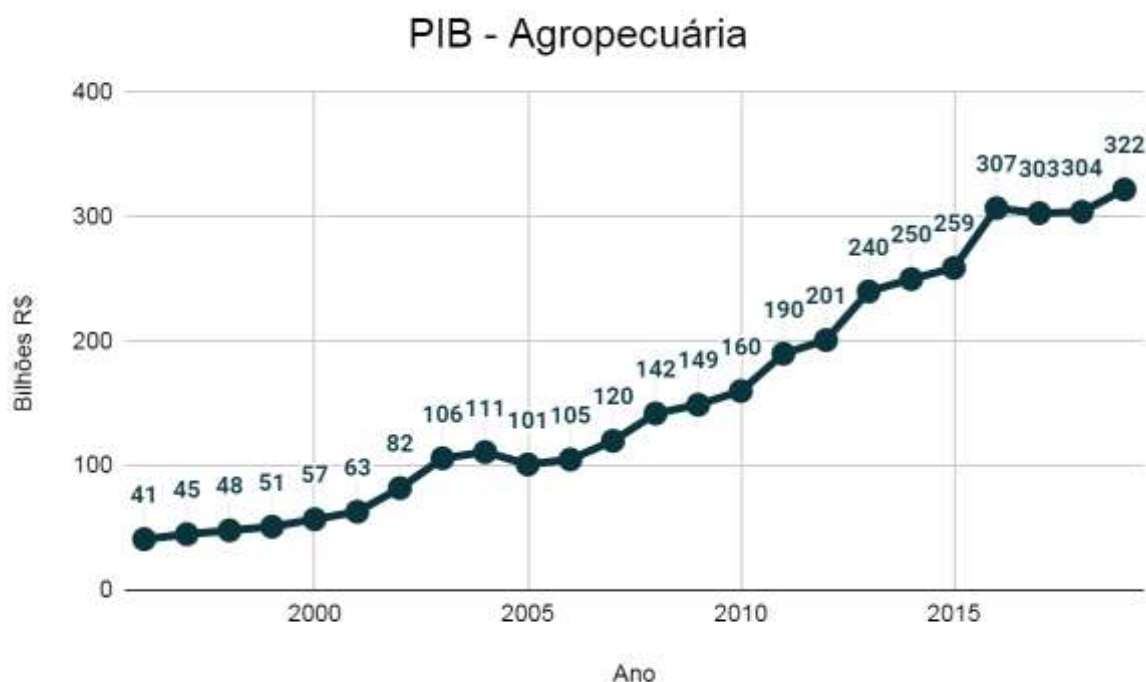
A agricultura, possui papel importante no desenvolvimento econômico do Brasil. Até início dos anos de 1960, a agricultura vinha sendo vista, por alguns economistas, como dependente dos estímulos econômicos provenientes do setor urbano-industrial e do setor público, existia uma discriminação contra a agricultura que consistia na afirmação de que seu objetivo seria apenas de disponibilizar recursos para a indústria. Após este período, passou-se a defender um equilíbrio, via mercado, entre os setores agrícola e industrial e diversos estudos e políticas econômicas

passaram a estimular o papel da agricultura no processo de desenvolvimento econômico.

Mesmo com a sua importância histórica a agricultura passou por momentos de dificuldade e de marginalização em relação ao meio urbano. O que ocorreu é que a estrutura agrária era muito rudimentar e havia poucas inovações, isso gerava uma baixa produtividade e, como consequência, baixos rendimentos. Além disso, as políticas salariais da época junto às pressões dos sindicatos alcançavam majoritariamente o setor urbano, o que deixou o setor rural marginalizado e com os menores rendimentos (SOUZA, 2012).

De acordo com cálculos do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), em parceria com a CNA, em 2020 o agronegócio brasileiro alcançou participação de 26,6% no Produto Interno Bruto do Brasil, contra 20,5% em 2019. Mostra-se crescimento através dos anos, já que a participação do agro na soma dos bens e serviços do país em 1970 era de 7,5%. A figura 16 na sequência, demonstra o crescimento do PIB da agropecuária brasileira, em bilhões de reais, a partir do ano de 1996.

Figura 16 - Crescimento do PIB da agropecuária brasileira



Fonte: Dados do IBGE - CNT sobre o primeiro trimestre de 2020, em valores correntes.

Analisando o produto total gerado pelo agronegócio brasileiro, nota-se uma tendência constante de crescimento, com duas quedas apenas registradas nos 25 anos analisados. O produto soma no total um crescimento de mais de 785% no período registrado, onde multiplicou seu total por mais de 7 vezes ao longo dos anos.

3.3.1 Balança Comercial Agrícola

O Brasil é um país continental e possui grande parte de suas terras à disposição da agricultura. Essa grande disposição de terras e alta produtividade deu ao país a capacidade produtiva para exportar ao resto do mundo com preços extremamente competitivos. Assim sendo as exportações de commodities são grandes motores de desenvolvimento local, já que geram divisas ao país e possibilitam o equilíbrio da balança de pagamentos. Mesmo com a intensificação de políticas protecionistas no resto do mundo, o Brasil conseguiu seguir uma tendência de aumento das exportações de seus produtos manufaturados, dado as suas vantagens comparativas derivadas da agricultura (mão de obra e matérias primas baratas e em abundância).

Com o crescimento das exportações e dada a variabilidade do solo e condições climáticas, surgiu a possibilidade de aumentar a quantidade de produtos agrícolas produzidos já que o mercado externo é grande demandante de produtos agrícolas. O aumento da gama de produtos ofertados deu ao mercado agrícola maior segurança, já que as flutuações de preços de determinado produto pararam de gerar uma crise generalizada, como ocorreu com o café no passado. Verifica-se, portanto, que as implicações da agricultura à macroeconomia nacional são importantes.

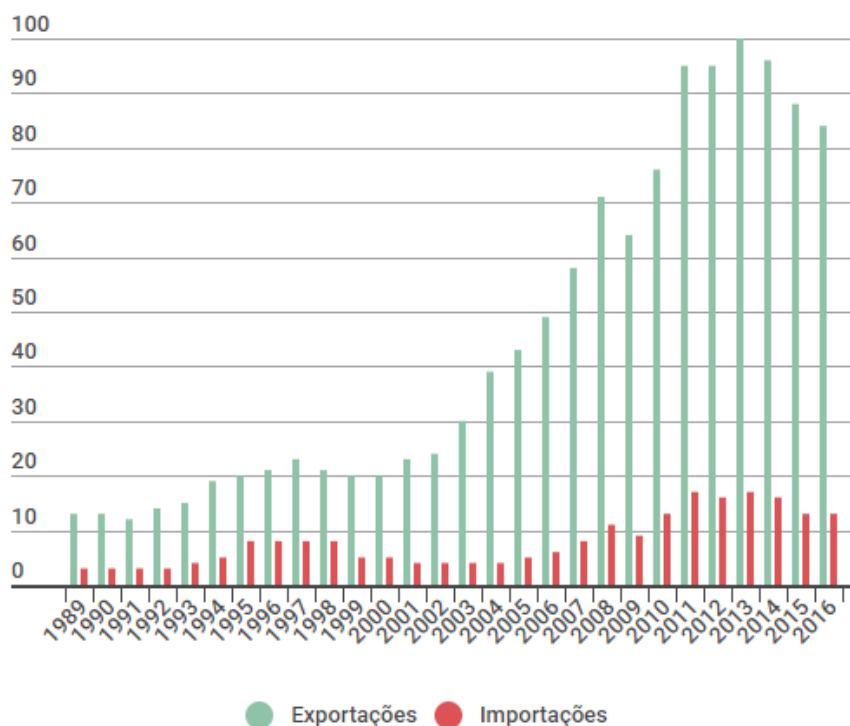
O Brasil é o terceiro maior produtor de alimentos e fibras do mundo, fica atrás apenas da China e dos EUA. Porém, o país já é o segundo maior exportador do agronegócio global, o que faz do setor um dos propulsores da economia nacional. Em 2020, as exportações somaram US\$ 101 bilhões, segundo maior valor da série histórica, atrás somente do registrado em 2018. De acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), o agro foi responsável por quase metade das exportações do país em 2020, com participação recorde de 48% - superávit de US\$ 87,76 bilhões.

Em 2020, o complexo soja (grão, óleo e farelo) foi o principal produto da pauta de exportações do país, seguido por minério de ferro e petróleo. Já as carnes foram o

segundo item mais exportado pelo agro em 2020, com destaque para a carne bovina. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (ABIA), o Brasil exportou comida para mais de 180 países em 2020.

A figura 17, a seguir, demonstra a evolução da balança comercial agrícola brasileira compreendida no período de 1989 a 2016.

Figura 17 - Evolução da balança comercial agrícola



Fonte: Dados da EMBRAPA.

As exportações, como visto na figura 17, acompanharam o crescimento da produção agrícola no Brasil. Com a introdução de uma produção de escala em alguns segmentos, houve um fortalecimento do mercado internacional para os produtos brasileiros. A balança comercial brasileira fechou o ano de 2020 com saldo positivo de US\$ 50,9 bilhões, com destaque para o agronegócio, que bateu recorde com saldo final de US\$ 87,7 bilhões. A soja é a principal cultura do Brasil, que se tornou o principal produtor mundial na safra 2019-2020, com 37,4% da produção total, seguido pelos Estados Unidos (28,4%) e pela Argentina (14,5%). De todos os produtos do agronegócio exportados, a soja responde sozinha por 34,2% do total comercializado

em valor, que corresponde a US\$ 34,5 bilhões (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA).

A tabela 2 mostra quais são os principais produtos exportados pelo Brasil no ano de 2020 em valor por milhões de dólares e também a quantidade exportada de cada desses produtos para o mesmo ano.

Tabela 2 - Principais produtos de exportação brasileiros

Produto	Exportações	
	US\$ milhões	1.000 toneladas
Soja	\$28.563,00	82.974,00
Carne Bovina	\$7.447,00	1.724,00
Açúcar	\$7.409,00	26.827,00
Celulose	\$5.990,00	16.217,00
Farelo de Soja	\$5.916,00	16.956,00
Milho	\$5.850,00	34.639,00
Carne de Frango	\$5.737,00	4.033,00
Café	\$4.974,00	2.373,00
Algodão	\$3.227,00	2.125,00
Carne Suína	\$2.120,00	901,00

Fonte: Dados do Comex Stat/Ministério da Economia

A tabela 2 demonstra a importância da soja para o mercado agrícola nacional, quando se verifica o seu papel frente ao mercado externo, o valor bruto da exportação de soja, confere a ela um total cerca de 3,8 vezes maior que o segundo produto que mais gera valor, à carne bovina. A tabela demonstra também que existe um maior valor agregado nos produtos de origem animal, pois com uma quantidade expressivamente menor negociada, eles atingem valores semelhantes e muitas vezes superiores aos produtos de origem vegetal. Pode-se notar a situação evidenciada, ao comparar a quantidade e o valor gerado pela carne bovina e pelo açúcar. Nos dados apresentados, a carne possui um valor bruto de exportação semelhante ao do açúcar, sendo que a quantidade exportada de carne bovina corresponde aproximadamente a 6,4% da quantidade total de açúcar.

Conforme dados da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) o Brasil exporta alimentos para cerca de 150 países, o que demonstra que os alimentos produzidos no Brasil chegam a praticamente a 77% dos países, o que evidencia a força e o potencial do mercado agropecuário brasileiro frente ao setor internacional. A figura 18, em sequência, demonstra quais são os principais parceiros comerciais brasileiros no mercado internacional de produtos agropecuários.

Figura 18 - Principais parceiros comerciais brasileiros

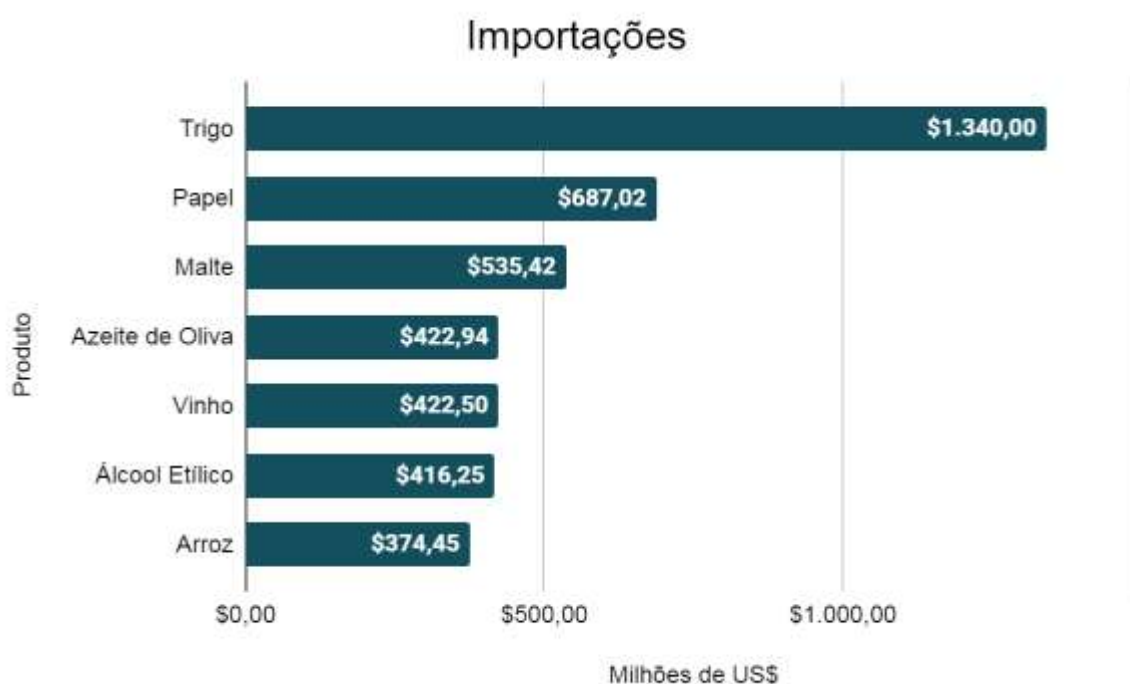


Fonte: Dados obtidos no Comex Stat/Ministério da Economia

Segundo o informativo anual da Balança Comercial do agronegócio brasileiro, emitido pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), em 2020, aproximadamente 82% dos US\$ 34 bilhões exportados para a China concentraram-se em três produtos: soja em grãos (61,5%; US\$ 20,9 bilhões), carne bovina in natura (11,9%; US\$ 4 bilhões) e celulose (8,4%; US\$ 2,9 bilhões). A China ocupa a posição de principal comprador dos produtos agrícolas brasileiros destinados à exportação, em 2020 o total da produção adquirido pelo mercado chinês foi de 33,7%, sendo que o mercado asiático e da Oceania como um todo respondem pela aquisição de mais da metade da produção brasileira (52,6% do total em 2020). A União Europeia foi a segunda maior região, com 16,2%, e a América do Norte figurou como terceiro destino das exportações do agronegócio, com participação de 8,6%, sendo o mercado de destaque os Estados Unidos, com 6,9%.

Cabe à exportação brasileira o papel de destaque na balança comercial, que mantém a mesma positiva e gera estoque de reservas cambiais ao Brasil bem como um saldo positivo das contas correntes externas do agronegócio, entretanto, o Brasil também efetua importações de alguns produtos ligados ao mercado agrícola. Na figura 19 a seguir, mostra os principais produtos importados pelo Brasil no ano de 2020.

Figura 19 - Importações brasileiras de produtos agrícolas



Fonte: Dados informados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Em 2020, como mostrado na figura 19, o trigo liderou as importações brasileiras para o agronegócio, com um valor significativo à frente do papel, que foi o segundo maior produto em valor, vindo do mercado internacional. O principal vendedor de trigo para o Brasil é a Argentina, o país vizinho exportou um montante de US\$ 1,29 bilhões do produto no ano de 2019, seguida pelos Estados Unidos que efetuaram no mesmo ano um faturamento aproximado de US\$ 89,5 milhões nas exportações de trigo com destino ao Brasil.

Em um mundo cada vez mais globalizado, o foco para o mercado internacional torna-se fundamental para a estabilidade econômica de um país. No Brasil, a agropecuária tem um dos principais papéis referentes a geração de saldo positivo para

a balança comercial. Além de abastecer o mercado interno, a agricultura brasileira propicia à economia do país um saldo positivo nas transações internacionais, o que gera um estoque de reservas cambiais. O mercado brasileiro vislumbra há décadas, na agropecuária, uma oportunidade de crescimento para o abastecimento de vários países, e com o apoio de políticas criadas para este fim, o comércio internacional da agricultura cresce na mesma proporção em que a produção brasileira.

3.4 DESENVOLVIMENTO AUSTRALIANO

A Commonwealth of Australia (Comunidade da Austrália) é uma Monarquia Federativa constitucional parlamentarista composta de seis Estados. Atualmente a Rainha Elizabeth II do Reino Unido é a monarca da Austrália, representada no país pelo Governador-Geral.

O desenvolvimento do território australiano ocorreu de forma gradativa aos interesses da sua metrópole, a Inglaterra. A comunidade Britânica, durante a época das grandes navegações, possuía territórios em diversos continentes, que permanecem inexplorados após suas descobertas, Austrália e Canadá são dois exemplos dessa situação.

A partir de 1768, a Real Sociedade Geográfica de Londres⁴ decide conduzir navegações com teor exploratório para o território australiano. O principal objetivo da comunidade Britânica era levar até a Austrália apenados e condenados do sistema carcerário inglês, que antes eram levados até a América do Norte, e o responsável por essas navegações foi o capitão James Cook, que reivindicou o território em nome da Inglaterra em seu desembarque (SOUZA, 2012).

No ano de 1788 houve a chegada de mais de mil homens na Austrália, em uma embarcação colonizadora, chefiada por Arthur Phillip, que contava com condenados, soldados e funcionários públicos, além de alimentos, animais e instrumentos de trabalho. Pouco tempo depois os guardas que trabalhavam com os apenados ingleses

⁴ A Real Sociedade Geográfica, originalmente chamada de Geographical Society of London, é uma sociedade erudita fundada no Reino Unido em 1830, com o patrocínio do Guilherme IV. Absorveu, com sua criação, a Associação para a Promoção e a Descoberta das Partes Interiores da África, fundada por sir Joseph Banks em 1788, assim como o Raleigh Club e a Palestine Association. Em 1859, recebeu seu estatuto real dado pela Rainha Vitória.

passaram a abandonar seus postos de trabalho e se tornaram colonos em terras que ainda não tinham propriedade.

Segundo Nali de Souza,

Havia permanente escassez de alimentos e de produtos manufaturados de primeira necessidade, pois os carregamentos vindos da Inglaterra demoravam a chegar ou se perdiam em acidentes. Assim, Phillip solicitou o envio de colonos livres e trabalhadores especializados no trabalho com madeira e ferro. Desse modo, a colônia passou a produzir desde o início de sua fundação produtos manufaturados para consumo interno. A prioridade, portanto, era o abastecimento do mercado interno em formação. Os produtos agrícolas locais eram adquiridos pelo governo e vendidos à população, sem fins lucrativos. Os produtos importados eram igualmente controlados pelo governo, principalmente o rum, que servia como moeda. Apesar dessas decisões centralizadas, surgiram grupos privados que se dedicavam, sobretudo, à criação de ovelhas. Eles importavam da Inglaterra, desde 1803, animais de raça superior para aperfeiçoar o rebanho (Souza, 2005, p. 120, apud Jose, 1930, p. 26 e 36).

Alguns anos depois, ao ter conhecimento da situação, a Inglaterra resolveu intervir e nesse momento a colônia australiana já era sustentável, produzia quase todo o insumo necessário para a civilização, e utilizava o rum como moeda de troca. O governo inglês então nomeou um governante geral da Austrália, que iria posteriormente, criar condições de desenvolvimento socioeconômico, como a construção de estradas e edifícios, a criação de uma moeda oficial que substitua o rum, e o encorajamento a novos colonizadores, que precisavam ter um capital de no mínimo 500 libras para ter direito a posse de terras, o que funcionou como um filtro para selecionar apenas colonos com reserva financeira, capazes de manter a economia da colônia ativa.

Após constatada a autossuficiência do território australiano, a descoberta de metais não ferrosos, ferro e carvão, contribuiu para o crescimento econômico do país. A partir de 1851, surgiram rumores da descoberta de ouro na Austrália, o que atraiu garimpeiros e resultou em uma rápida expansão populacional, partiu de 500 mil habitantes em 1850, para 9,5 milhões de pessoas em 1956. Essas migrações, juntamente com a descoberta de metais, foram fundamentais para o estímulo às agroindústrias e as atividades relacionadas com a mineração e a indústria leve de bens de consumo.

O crescimento rápido do comércio internacional e das indústrias australianas trouxeram também a necessidade de uma melhor organização das colônias que

existiam, visto que cada uma possuía um sistema político independente. Entre 1891 e 1900 surgiu a Federação Australiana, onde todas as colônias que eram independentes passaram à condição de estados, onde a política interna era de administração estadual e a política externa era de competência do governo central. Atribuídos a ele os assuntos relacionados com a alfândega, comércio, imigração e defesa. Nesse momento houve uma maior intervenção estatal na economia australiana, foram aumentadas as tarifas de importação, motivada por uma forte política protecionista, que buscava desenvolver a indústria interna.

Esse desenvolvimento com base no protecionismo e nas exportações foi muito importante, sobretudo pelo relacionamento da Austrália com a Inglaterra, permitindo a importação de tecnologia. Em 1956, as exportações australianas totalizavam 17% da renda nacional. As atividades econômicas principais, até a Primeira Guerra Mundial, eram constituídas pela pecuária, agricultura e mineração. Em 1911, apenas 20% da população ativa estava ocupada na indústria. O grande impulso ao crescimento industrial decorreu da instalação da grande siderurgia na região produtora de carvão de Newcastle, entre 1914/1918. Isso gerou o desenvolvimento das indústrias de construção naval, máquinas agrícolas, tratores e automóveis (Souza, 2005, p. 122, apud Mota, 1964, p. 235).

A comunidade australiana passou por um desenvolvimento rápido e garantia terras para seus colonos para incentivar o cultivo e a acumulação de capital a partir da exportação do excedente de produção e da atração de capital estrangeiro. A decisão do governo de proteger a indústria nascente na Austrália demonstrou-se assertiva, pois os primeiros empreendimentos puderam se desenvolver sem lidar, em um primeiro momento, com a concorrência do mercado internacional, onde alguns países já possuíam empresas mais estruturadas.

Conforme Souza (2005), outro fator determinante para a expansão econômica da Austrália foi a rápida acumulação de capital estrangeiro, o país recebeu entre 1947 e 1957, via investimento estrangeiro direto, cerca de 675 milhões de libras, recurso que vinha principalmente dos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, que percebiam possibilidade de retorno na Austrália. Além do valor investido por outros países, os cofres australianos captaram mais de 318 milhões de dólares vindos de empréstimos adquiridos com o Banco Mundial⁵. Ainda mais recursos estrangeiros foram captados pelas exportações, que em 1945 superaram 1 bilhão de libras.

⁵ O Banco Mundial é uma instituição financeira internacional que efetua empréstimos a países em desenvolvimento. É o maior e mais conhecido banco de desenvolvimento no mundo.

A Austrália demonstrou um crescimento econômico rápido, em um curto período de tempo foi descoberto em seu território materiais que possibilitaram a criação de indústrias e a modernização de seu comércio. Mudou seu foco de início como colônia inglesa que serviria como uma extensão de território para alocação de detentos prisionais, para uma economia moderna e próspera, que passou por períodos de participação do estado com uma força necessária para prosperar o desenvolvimento econômico e social do país.

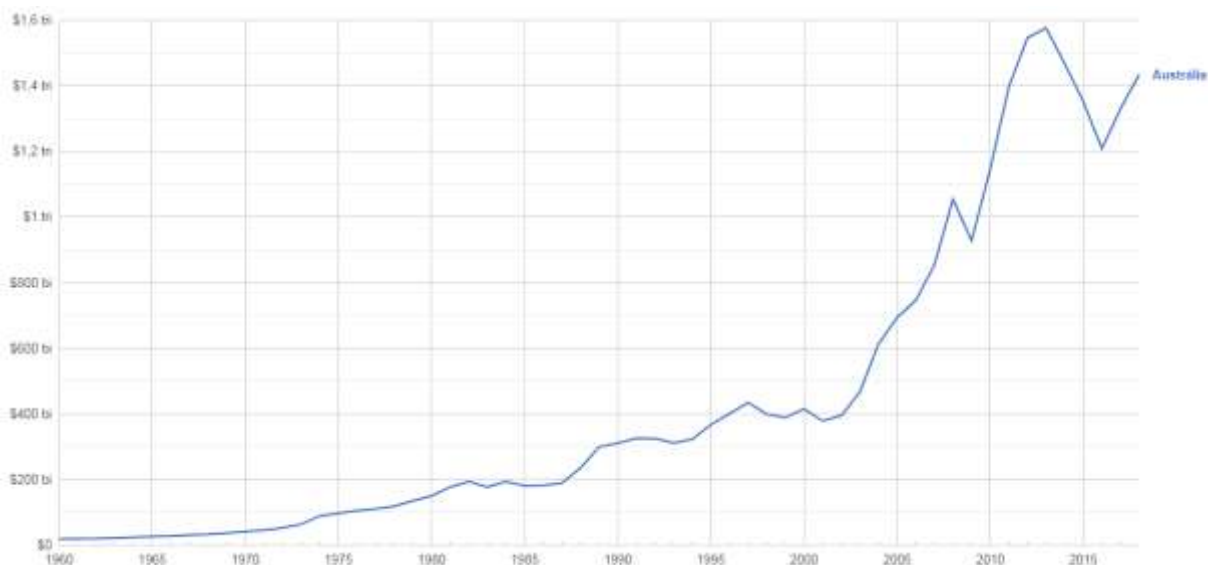
3.5 ECONOMIA AUSTRALIANA

Localizada no continente da Oceania, a Austrália ocupa uma ampla área, sendo o sexto maior país do mundo em extensão territorial. É habitada por 26 milhões de pessoas e sua economia é considerada de país desenvolvido e se baseia no agronegócio, mineração, turismo, finanças e educação.

A Austrália é um dos países que detém o título de desenvolvido, possui uma economia considerada estável e que vem crescendo anualmente. Com um setor primário muito rico, a economia australiana é abundante em recursos minerais, além de uma agropecuária forte e uma indústria crescente.

A partir de um programa de crédito rural sólido e de um ambiente muito propício para negócios, a Austrália cresceu em vários setores há alguns anos, conforme verifica-se na figura 20.

Figura 20 - Evolução do PIB australiano



Fonte: Google Public. Data (Dados do Banco Mundial).

A partir da figura 20 é possível notar o crescimento da produção total australiana com o passar dos anos, a figura sugere uma tendência crescente, observa-se apenas dois pontos de queda no PIB em 2008 e 2014, com rápido ajuste e retomada do crescimento. O PIB total australiano do ano de 2020 foi de US\$ 1,18 trilhões (Country Economy), o que representou uma queda de 4,5% comparada a 2019 e devido a pandemia de corona vírus, essa foi a primeira recessão vivida pelo país em 30 anos.

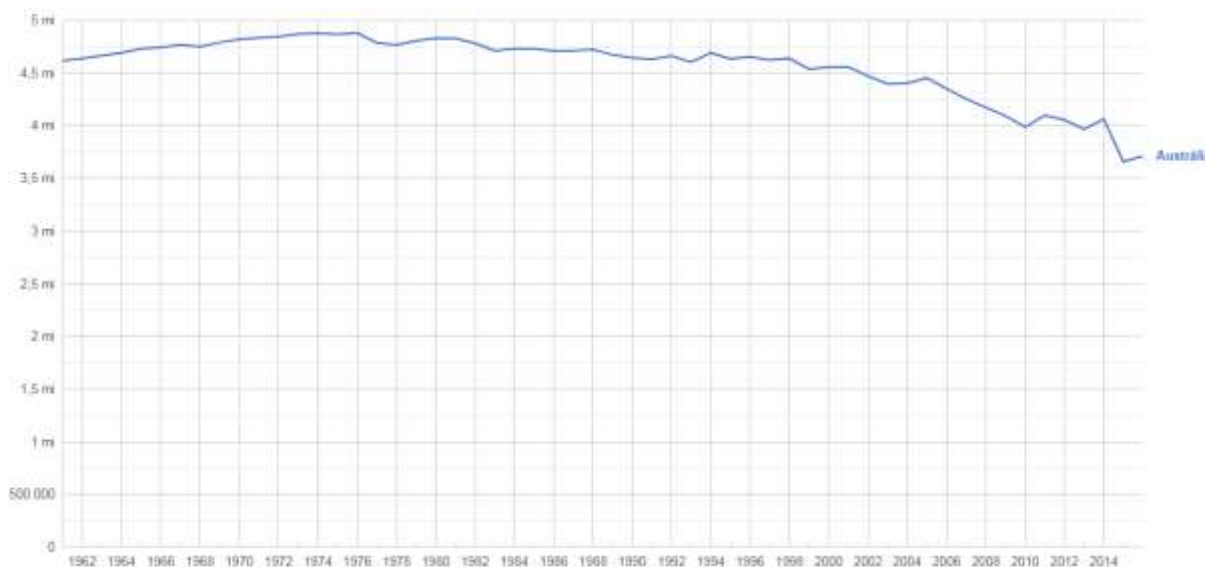
Os subitens que encontram-se a seguir, descreverão pontualmente alguns setores ligados ao mercado primário da economia australiana, como a agricultura, a pecuária e a mineração, essa contextualização tornará mais assertiva a comparação do mercado australiano com o brasileiro.

3.5.1 Agricultura

A Austrália destaca-se por uma agricultura de clima tropical, muito semelhante à agricultura brasileira. Sua maior força encontra-se em produtos como a cana de açúcar e diferentes tipos de grãos, como o trigo e a cevada. Em 2018 a agricultura representou uma fatia de 2,1% do PIB australiano, o que corresponde a um montante de 29,7 bilhões de dólares.

A figura 21 na sequência, demonstra a evolução do território ocupado por terras agrícolas na Austrália por ano.

Figura 21 - Terras agrícolas (Km²)



Fonte: Google Public. Data (Dados do Banco Mundial).

A figura 21 demonstra que apesar do avanço tecnológico e produtivo vivido pela comunidade australiana, o total de terras agrícolas segue uma tendência de contração, observa-se que em 1961 o total de terras utilizadas para a agricultura era de 4,61 milhões de km² e em 2016 o valor informado pelo banco mundial foi de 3,71 milhões de km², uma redução total de 19,52% durante o período analisado.

A tabela 3, demonstra quais variedades agrícolas são mais produzidas na Austrália em toneladas, todos os dados são do ano de 2018.

Tabela 3 - Maiores produções agrícolas da Austrália em 2018

Variedade	Produção em toneladas
Cana de Açúcar	33,5 milhões
Trigo	20,9 milhões
Cevada	9,2 milhões
Colza	3,9 milhões
Uva	1,66 milhões
Aveia	1,2 milhões
Sorgo	1,2 milhões
Batata	1,1 milhões
Grão de Bico	1 milhão
Tremoço	714 mil
Arroz	635 mil
Milho	387 mil
Tomate	386 mil

Fonte: FAOSTAT- Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, dados de 2018.

A tabela 3 demonstra que a Austrália produz alimentos característicos de países com clima tropical, assim como o Brasil. Sua principal produção é concentrada na cana de açúcar e em diversos tipos de grãos, sendo que segundo o FAOSTAT-sistema de dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, a Austrália é o maior produtor mundial de tremoço, o segundo maior produtor mundial de grão de bico e o quarto maior de cevada e aveia. O país produz também variedades de menor expressão, que são mais utilizadas para suprir a demanda interna de alimentos, como feijão (377 mil toneladas), ervilha (317 mil toneladas) e algumas frutas como a laranja (378 mil toneladas), banana (373 mil toneladas) e maçã (268 mil toneladas).

O governo australiano possui um foco também na área agropecuária do país e destina anualmente cerca de 600 milhões de dólares australianos para o desenvolvimento e aprimoramento das fazendas australianas, além de garantir apoio a iniciativa da Federação dos Fazendeiros nacionais, que tem como objetivo fazer

com que a agricultura australiana responda por uma renda de 100 bilhões de dólares australianos até 2030 (PORTAL TERRA, 2019).

O crescimento econômico vislumbrado no país a partir de um posicionamento sério e técnico de investimentos e abertura econômica possibilitou que o estado pudesse investir recursos no crescimento da agricultura, e o foco principal deste recurso é uma melhora tecnológica nos campos australianos, sendo que o país é um dos destaques quanto a implementação da agricultura 4.0, onde a Austrade⁶ promoverá ações para facilitar a captação de recursos vindos de investimento estrangeiro e da exportação para dar continuidade ao avanço tecnológico agrícola do país.

3.5.2 Pecuária

A atividade pecuarista australiana demonstra-se expressiva e competitiva no mercado mundial, ocupa uma posição destacável na economia, e supera até, em alguns aspectos, os números da agricultura australiana. A mesma possui um mercado conhecido de carne bovina, sendo um dos maiores exportadores mundiais da proteína, também se destaca como maior produtor mundial de lã e como um dos principais mercados de carne de cordeiro, frango e suínos, bem como os derivados da pecuária, como a extração de leite, ovos e mel.

De acordo com o USDA, em 2020 a Austrália foi o quarto maior produtor mundial de carne bovina, com aproximadamente 1,4 milhões de toneladas, como demonstra a tabela 4 na sequência.

⁶ A Comissão Australiana de Comércio e Investimento (Austrade) é a agência de promoção do comércio internacional e atração de investimentos do governo australiano. Ela gera informações e percepções do mercado, promovendo a capacidade australiana e facilitando as conexões por meio de sua extensa rede global.

Tabela 4 - Maiores exportadores de carne bovina

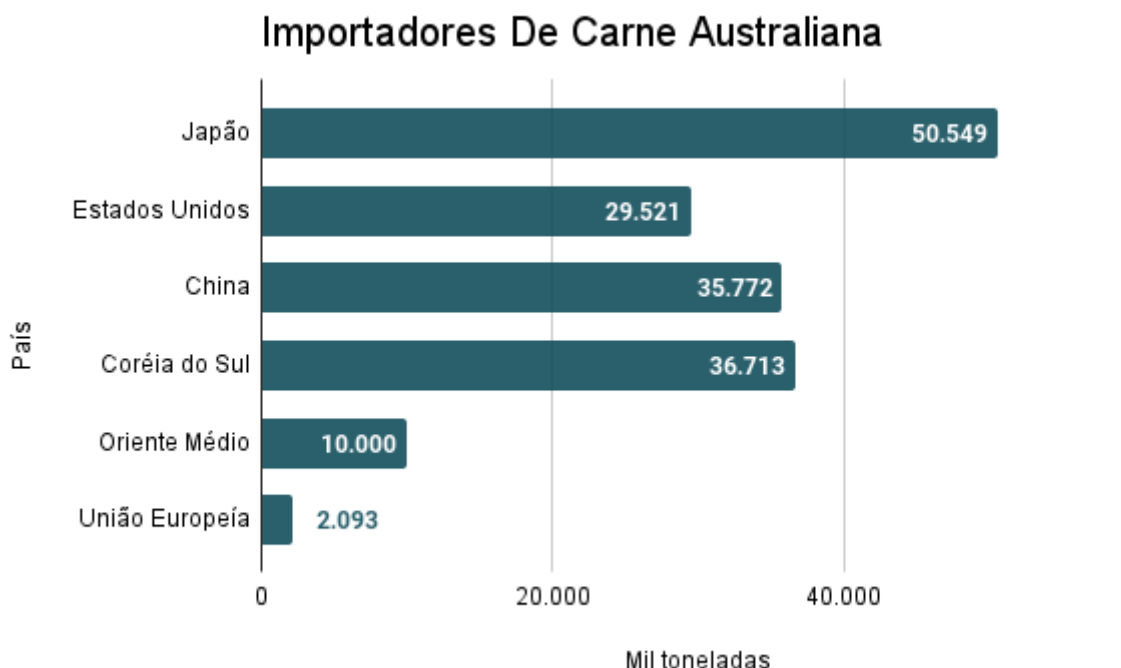
País Exportador	Quantidade (milhões de toneladas)		
	2018	2019	2020
Brasil	2,08	2,25	2,6
Índia	1,55	1,6	1,7
Estados Unidos	1,43	1,41	1,49
Austrália	1,66	1,65	1,44
Argentina	0,5	0,7	0,77
Nova Zelândia	0,63	0,65	0,65
Canadá	0,5	0,57	0,59
Outros	2,21	2,19	2,26

Fonte: Dados da exportação de carne bovina obtidos no USDA - Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.

A tabela 4 demonstra que existem quatro países como principais abastecedores mundiais da proteína bovina, o Brasil lidera o ranking das exportações nos três anos analisados, todavia, a Austrália foi o segundo maior exportador em 2018 e 2019 e devido a uma variação negativa no excedente exportado, terminou 2020 como o quarto maior exportador mundial de carne. Esse fenômeno de queda pode ser explicado pela localização geográfica da produção bovina australiana. As fazendas de gado na Austrália são muito frequentes nas regiões norte e sul do país, sendo que a região sul sofre mais variações climáticas e, desta forma, é muito mais sensível a estiagens mais fortes que afetam a totalidade da produção.

A seguir, a figura 22 demonstra quais são os principais destinos da exportação de carne bovina originária da Austrália.

Figura 22 - Principais importadores de carne australiana



Fonte: Dados do portal australiano Beef Central obtidos no site www.portaldbo.com.br referentes ao primeiro trimestre de 2021.

A figura 22 demonstra que os países asiáticos são responsáveis por importar uma grande parte do total da produção de carne australiana, sendo o Japão o principal destino da proteína. Os Estados Unidos aparecem como o segundo maior importador de carne australiana, seguido por mais dois países do continente asiático, China e Coréia do Sul. Uma parte de menor expressividade também é adquirida por países do oriente médio e da União Europeia. As exportações australianas representaram, em 2017, 69% da produção nacional, enquanto no Brasil, 19% da produção de carne bovina foi destinada às exportações. Concluindo-se que a Austrália possui um excedente exportável amplamente maior que o brasileiro, que lhe possibilita vender ao mercado internacional uma fatia quase três vezes maior da produção em comparação ao Brasil.

De acordo com o USDA, em 2021 a Austrália é detentora de um rebanho bovino de 23,16 milhões de cabeças, sendo que desse rebanho, projeta-se um abate de 7,40 milhões de animais no ano para a comercialização de carnes. Esse rebanho bovino é considerado de grande importância para a economia agrícola do país, pois de todo o território agricultável disponível na Austrália, 75% é ocupado por fazendas de gado.

Nos rebanhos de ovinos, a Austrália possui também importante participação no mercado mundial, sendo o segundo maior produtor mundial de carne ovina e de lã, fica atrás apenas da China. A figura 23, na sequência, demonstra a produção total de lã em diferentes países em 2019, de acordo com o FAOSTAT.

Figura 23 - Maiores produtores mundiais de lã



Fonte: Dados do FAO - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura com base na produção de 2019.

A partir dos dados da figura 23, é possível analisar que a Austrália e China, se somadas as produções, correspondem a uma fatia do mercado mundial de aproximadamente 46,5% do total. Com expressiva fatia em seu território ocupada pela atividade pecuária, os dois países são os principais produtores e exportadores mundiais de lã, seguidos por países com rebanhos expressivos de ovinos, mas sem grande fatia de mercado quando comparados às duas lideranças do ranking da produção da fibra animal.

Com um percentual alto de seu território produtivo destinado à pecuária, a Austrália concentra boa parte do mercado internacional das carnes de gado e ovelha, e também produz e exporta lã, sendo um dos maiores produtores mundiais. A Austrália é o quarto maior produtor mundial de carne e o segundo maior produtor mundial de

lã, ambos os índices analisados demonstram a força australiana perante aos demais produtores e a importância do setor da pecuária para a atividade econômica no país.

3.5.3 Mineração

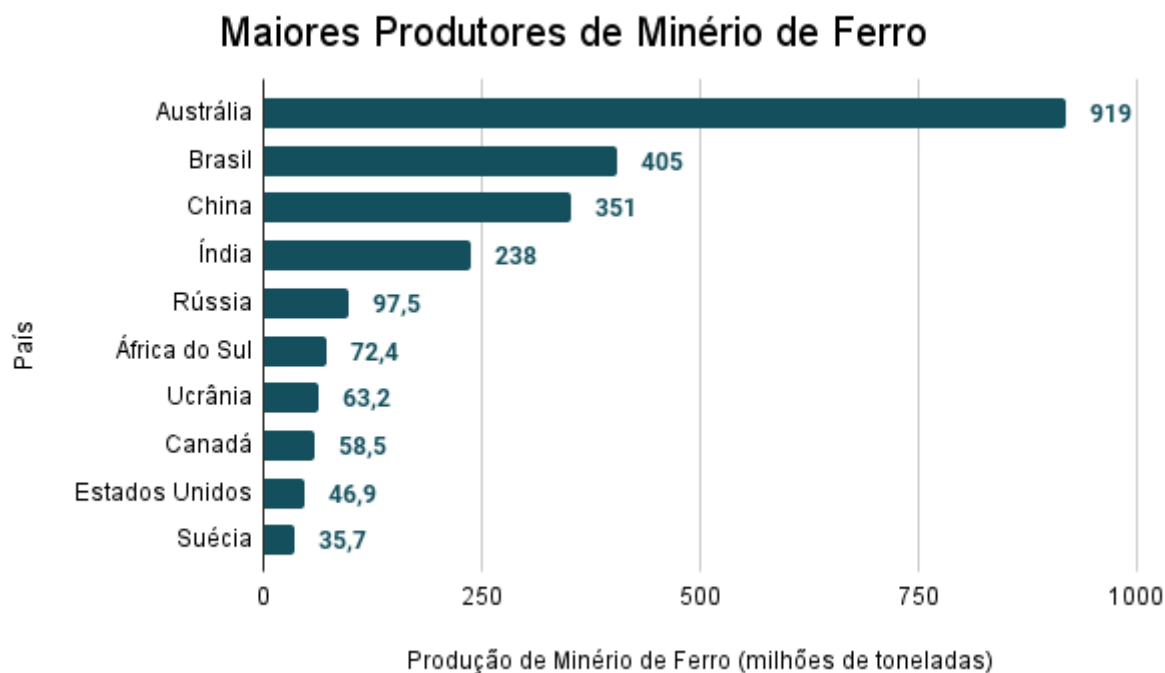
A Austrália é o maior exportador de minério de ferro do mundo. E encontra-se na condição de maior exportadora mundial de diamantes, alumínio e carvão, além de ser uma importante mineradora de ouro, chumbo, minério de ferro, níquel, bauxita, cobre, zinco, gás natural, manganês, areias minerais e petróleo bruto.

Isso faz com que a mineração de ferro na Austrália seja um dos pilares de sua economia. O país tem três das quatro maiores empresas de exportação mundial. E, em setembro de 2017, totalizou o embarque de 74,36 milhões de toneladas de minério de ferro (PORTAL MINAS RJ).

O setor de mineração correspondeu a uma porção de 6,9% do PIB total do país (2016), e juntamente com a agropecuária resultou em um montante de 15,1% do produto australiano. A Austrália é o maior produtor mundial de minério de ferro e bauxita, e o segundo maior produtor mundial de ouro, chumbo e manganês.

Na figura 24, em sequência, é possível analisar os maiores produtores mundiais de minério de ferro.

Figura 24 - Produção mundial de minério de ferro



Fonte: U.S. Geological Survey, Mineral Commodity Summaries, janeiro de 2021.

A partir da análise da figura 24, é possível mensurar que a produção australiana de minério de ferro é maior que o dobro do segundo maior produtor mundial, o Brasil. Em 2019 (ano de obtenção dos dados da figura 24) a Austrália teve uma produção total de 919 milhões de toneladas de minério, seguida por Brasil e China. Se comparada à produção brasileira, a Austrália tem uma totalidade produzida aproximadamente 56% maior que a mineração brasileira. A figura 24 mostra os 10 países mais influentes na produção de minério de ferro, somente a Austrália corresponde a 67,17% do total da produção somada de todos os países que possuem produção de maior relevância mundial.

O principal destino da produção de minério mundial é a China, em 2020, o mercado chinês absorveu a maior parte da produção australiana e também da brasileira. Os embarques australianos aumentaram 7%, para 713 milhões de toneladas, enquanto os fornecimentos brasileiros aumentaram 3,5%, para 235,7 milhões de toneladas, segundo dados da Administração Geral das Alfândegas da China. A Índia também mostrou crescimento nas importações de minério de ferro, as suas importações aumentaram 88% à medida que as siderúrgicas chinesas diversificaram as fontes em meio aos altos preços da commodity (CNN BRASIL).

A tabela 5, a seguir, expressa quais são os produtos extraídos do solo australiano, e qual é a posição da Austrália entre os maiores produtores mundiais de determinado minério.

Tabela 5 - Representatividade australiana no mercado extrativista mundial

Mercado Extrativista Australiano	
Produto	Posição Mundial
Minério de Ferro	1
Bauxita	1
Ouro	2
Manganês	2
Chumbo	2
Zinco	3
Cobalto	3
Urânio	3
Sal	5
Cobre	6
Níquel	6
Prata	8
Estanho	8
Fosfato	14
Enxofre	15

Fonte: U.S. Geological Survey, Mineral Commodity Summaries, janeiro de 2021.

É possível observar a partir da tabela 5 que a Austrália possui um mercado extrativista competitivo mundialmente. No minério de ferro e na bauxita a Austrália é o principal fornecedor mundial, a bauxita é a matéria prima do alumínio, sendo que a Austrália é o sexto maior produtor mundial do mesmo. O extrativismo na Austrália encontra-se entre os dez maiores produtores praticamente na totalidade da tabela apresentada, sendo que em mais de 50% dos produtos analisados a Austrália não fica abaixo da terceira posição mundial de produção.

A mineração australiana possui representatividade mundial e compõe um setor de solidez efetiva na economia do país, sendo um dos principais motores econômicos australianos. O setor extrativista é amplamente explorado nos territórios australianos e suas minas continuam a gerar bons resultados para seu produto total. Foi importante para o seu desenvolvimento como nação e mesmo tratados como recursos finitos, as evoluções do mercado e a tecnologia aplicada na atividade mineradora australiana continuam desenvolvendo o setor, mantendo-o competitivo e relevante para o país.

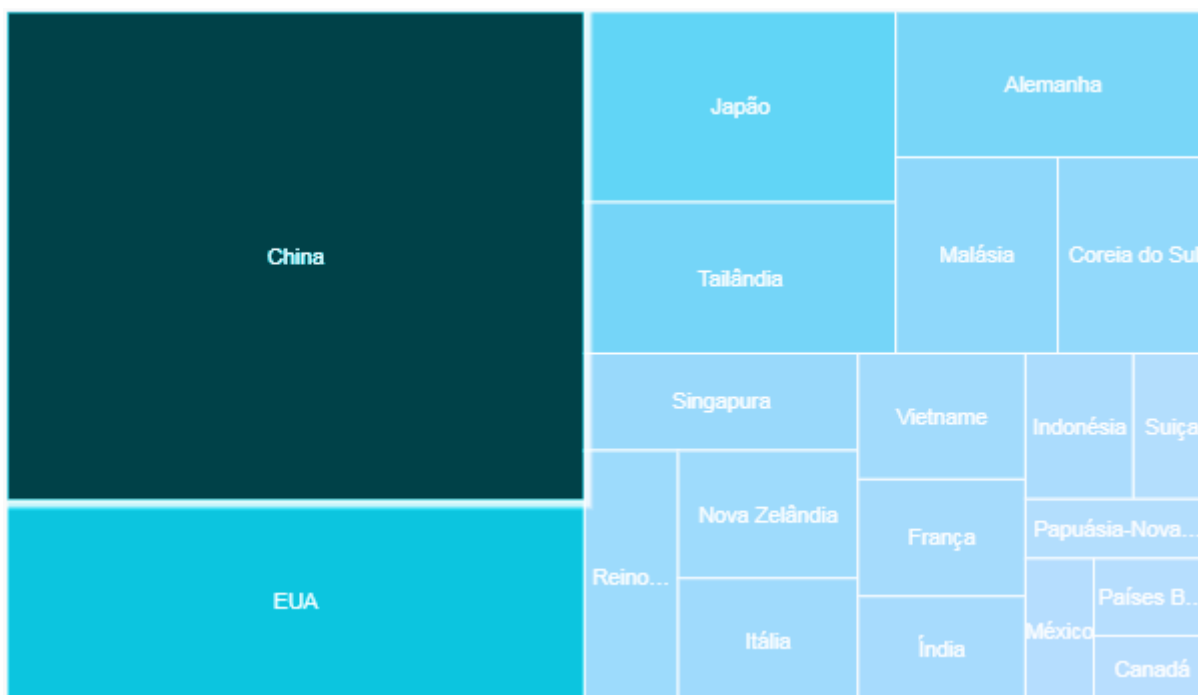
3.6 BALANÇA COMERCIAL AUSTRALIANA

A Austrália pode ser considerada, devido ao seu tamanho, um país continente. Entretanto, todo o seu território é habitado por uma população relativamente baixa, contendo pouco mais de 25 milhões de habitantes. Esse fator faz com que o país demonstre um alto valor de produção inserido no comércio internacional. Conseqüentemente, a Austrália participa ativamente de organizações e fóruns de comércio internacional, como a Organização Mundial do Comércio (OMC).

Com abundantes reservas de produtos minerais e mão-de-obra altamente qualificada, sua economia é complementar às outras economias emergentes na região, com as quais não compete diretamente (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES – MRE).

A seguir, na figura 25, observa-se quais os principais países dos quais a Austrália importa produtos.

Figura 25 - Principais origens das importações australianas



Fonte: Dados do COMTRADE de 2020.

É possível notar a partir da figura 25, que dois países representam mais de 40% do total importado pelo mercado australiano, sendo eles: China e Estados Unidos. Todavia, a Alemanha e alguns países asiáticos como o Japão, Tailândia, Malásia e Coreia do Sul também são importantes parceiros comerciais da Austrália. Em 2020 as importações da Austrália totalizaram um valor líquido de US\$ 212 bilhões, o que mostra uma redução de 4,07% em comparação a 2019, quando o total foi de US\$ 221 bilhões. Entre os produtos que a Austrália importa, os principais são máquinas e aparelhos, veículos e materiais de transporte, produtos químicos, combustíveis minerais e metais comuns.

A figura 26 abaixo mostra quais os principais produtos que a Austrália importou em 2020 também de acordo com dados encontrados no COMTRADE.

Figura 26 - Principais produtos exportados pela Austrália



Fonte: Dados do COMTRADE⁷ de 2020.

De acordo com a figura 26, é possível notar que os principais produtos exportados pela Austrália foram os minerais, combustíveis e produtos agrícolas, sendo que os três somados correspondem ao total de 59,9% de todo o total exportado. Em 2020 as exportações australianas totalizaram um montante de US\$ 245 bilhões, o que configurou uma queda de 7,8% ao total exportado em 2019 (US\$ 266 bilhões). Os principais destinos das exportações australianas concentram-se no mercado asiático, devido à localização favorável que beneficia o comércio entre a Ásia e a Oceania. China, Japão e Coréia do Sul foram os três maiores consumidores da produção australianas em 2020, e somados corresponderam a 59,7% do total exportado, Reino Unido e Estados Unidos completam a lista dos cinco maiores importadores da produção australianas.

A seguir, a tabela 6 demonstra o fluxo de entradas e saídas em bilhões de dólares e o saldo comercial obtido a partir das operações exportadoras e importadoras do mercado australianas, a tabela 6 demonstrará os dados a partir do ano de 2014, até

⁷ O UN Comtrade é um repositório de estatísticas oficiais de comércio internacional e tabelas analíticas relevantes. O site permite acesso gratuito a dados comerciais globais detalhados.

o ano de 2020, com os dados atualizados obtidos no DFAT (Departamento de Negócios Estrangeiros e Comércio) da Austrália e no COMTRADE.

Tabela 6 - Saldo comercial australiano 2014 - 2020 em bilhões de dólares

ANO	EXPORTAÇÕES US\$	IMPORTAÇÕES US\$	SALDO COMERCIAL
2014	\$219,48	\$236,22	-\$16,74
2015	\$216,13	\$241,67	-\$25,54
2016	\$252,65	\$245,31	\$7,34
2017	\$272,65	\$267,53	\$5,11
2018	\$317,65	\$238,72	\$78,92
2019	\$266,00	\$221,00	\$45,00
2020	\$245,00	\$212,00	\$33,00

Fonte: Dados do DFAT (Departamento de Negócios Estrangeiros e Comércio) e do COMTRADE.

É possível verificar a partir da tabela 6, que nos últimos sete anos a Austrália demonstra um crescimento no saldo da sua balança comercial. Nos primeiros anos da análise, nota-se que o saldo comercial australiano encerrava o exercício em valores negativos, isso significou que a Austrália importava mais do que exportava. Todavia, esse comportamento deixa de ser praticado a partir de 2016, quando o saldo final passa a ficar positivo, tem uma leve queda em 2017, e um salto a partir dos próximos anos. Em 2020, o saldo foi afetado pela pandemia, o que demonstrou uma pequena queda em relação ao ano anterior, mas que não comprometeu o resultado positivo da balança comercial australiana para o ano.

A Austrália possui um mercado internacional amplo, principalmente com os países que possuem vantagens geográficas, que facilitam a comercialização de produtos, como pode ser observado em suas transações internacionais com países asiáticos, que são os maiores compradores dos produtos exportados pela Austrália. Suas produções minerais e agrícolas correspondem a maior parte das exportações, e os materiais industrializados são os mais importados pelo mercado australiano. O mercado internacional demonstra-se positivo para a Austrália, principalmente após 2016, quando o saldo da balança comercial australiana passou a ser positivo e continuou se mantendo até 2020.

O presente capítulo expôs quais são os principais produtos dos mercados agropecuários brasileiro e australiano, elencando dados sobre a produção, implementação e comercialização de cada um deles, e também demonstrou dados estatísticos sobre a agricultura de ambas as nações estudadas, e assim evidenciou a sua significância no produto total de cada país, tanto no mercado interno quanto no externo, demonstrando a força dos produtos agrícolas brasileiros e australianos nos mercados mundiais de alimentos.

4 ANÁLISE COMPARATIVA DOS MERCADOS AGRÍCOLAS BRASILEIRO E AUSTRALIANO

O mercado agrícola brasileiro mostra-se solidificado nacional e internacionalmente. Como já verificado no capítulo anterior, o país responde por uma agricultura crescente em índices de produção e que responde por uma importante fatia do PIB nacional. Seus mercados desenvolveram-se com o passar dos anos a partir do crescimento das tecnologias, dos estudos voltados à ciência agropecuária e ao investimento público e privado direcionado ao crédito rural. O Brasil desponta como principal produtor mundial de soja e principal exportador mundial de carnes de diversas criações, principalmente a de gado.

A Austrália possui uma agricultura forte, responsável pelo crescimento econômico do país e pelo início de seu desenvolvimento, mesmo que não corresponda a uma fatia tão grande quanto a brasileira no PIB nacional. Com clima e extensão territorial similares ao brasileiro, a Austrália possui um mercado agrícola voltado ao comércio internacional, e a base da produção vem dos grãos.

Diante do exposto, o presente capítulo buscará demonstrar informações estatísticas que visam medir a produção total, os principais produtos produzidos pela Austrália, a correspondência da agricultura no seu PIB, e enfatizar quais são as semelhanças e diferenças existentes entre a agricultura australiana e a brasileira.

4.1 ANÁLISE COMPARATIVA: MERCADO BRASILEIRO E AUSTRALIANO

O presente estudo tratou de forma independente número, aspectos históricos e estatísticos sobre o Brasil e a Austrália, todo o material descrito tem por objetivo demonstrar a evolução e a situação econômica encontrada em cada país, com foco principal para o mercado primário. Desta forma, o atual capítulo buscará comparar os dois mercados, realizar análises de forma crítica para cada variável já citada nos capítulos anteriores, e destacar aspectos positivos em ambos países, bem como situações pontuais que possam destoar entre os mesmos.

O quadro 01 apresentado na sequência, demonstra algumas características presentes que buscam ilustrar a realidade de ambos os países quanto aspectos históricos e econômicos.

Quadro 01 – Comparações gerais entre Brasil e Austrália

Características	Brasil	Austrália
Independência	07/09/1822	01/01/1901
Moeda	Real	Dólar Australiano
Principal Produção Primária	Soja	Cana de Açúcar
Ambiente de Negócios	52°	13°

Fonte: Portal Portugalexporta.pt.

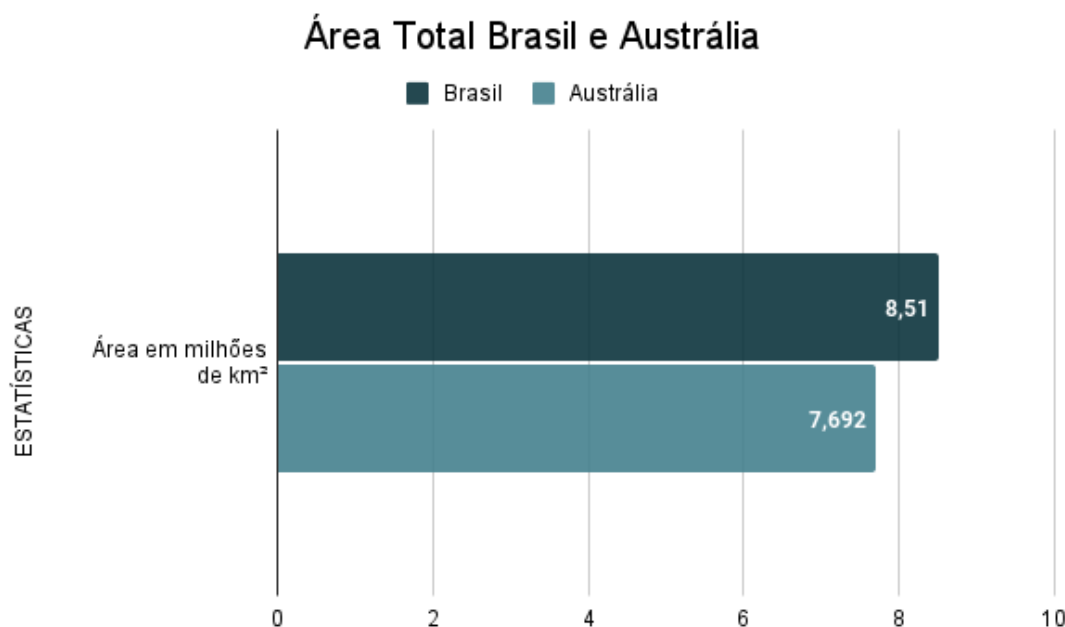
O quadro 01 busca demonstrar a conjuntura das duas nações, Brasil e Austrália conseguiram sua independência com 79 anos de diferença, todavia, esse quase um século que o Brasil possui a mais de história independente não influencia de forma consistente na realidade do país. As moedas utilizadas por ambos são exclusivas, utilizadas somente dentro de seu território, sendo que o dólar australiano é mais valorizado do que o real, em comparação ao dólar americano os dois demonstram uma taxa de câmbio de respectivamente AUD 0,72 e R\$ 0,18 dólares, em set/2021.

Tanto Brasil quanto Austrália são potências internacionais no mercado primário, tendo ambos um agronegócio e um setor extrativista muito fortes. No Brasil a principal produção agrícola é a soja, onde a produção brasileira é a maior do mundo. Na Austrália, o principal produto agrícola cultivado no país é a cana de açúcar, sendo o mercado australiano um dos principais produtores e exportadores mundiais de cana. Embora grandes produtores agrícolas, Austrália e Brasil destacam-se também na pecuária e na mineração. O último item apresentado no quadro 01 ilustra a posição dos dois países no ranking global de facilidade para a criação e manutenção de negócios, sendo que neste quesito, a Austrália destaca-se como uma das economias

onde é mais fácil empreender, a décima terceira no planeta, enquanto o Brasil ocupa a quinquagésima segunda posição, de acordo com o The Economist Intelligence Unit (EIU).

Austrália e Brasil possuem diversas similaridades em seu território, ambos se localizam no hemisfério sul, todavia, apenas o Brasil é cruzado pela linha do equador, fica a Austrália com a totalidade de seu território abaixo dela. Essa posição geográfica faz com que os dois países possuam clima e vegetações semelhantes, tendo a Austrália um clima mais frio ao seu sul, por estar mais perto do polo antártico do que o Brasil. Na sequência, a figura 27 demonstra uma comparação entre a quantidade total territorial de cada país, medida em milhões quilômetros quadrados.

Figura 27 – Área total de Brasil e Austrália em milhões de km²

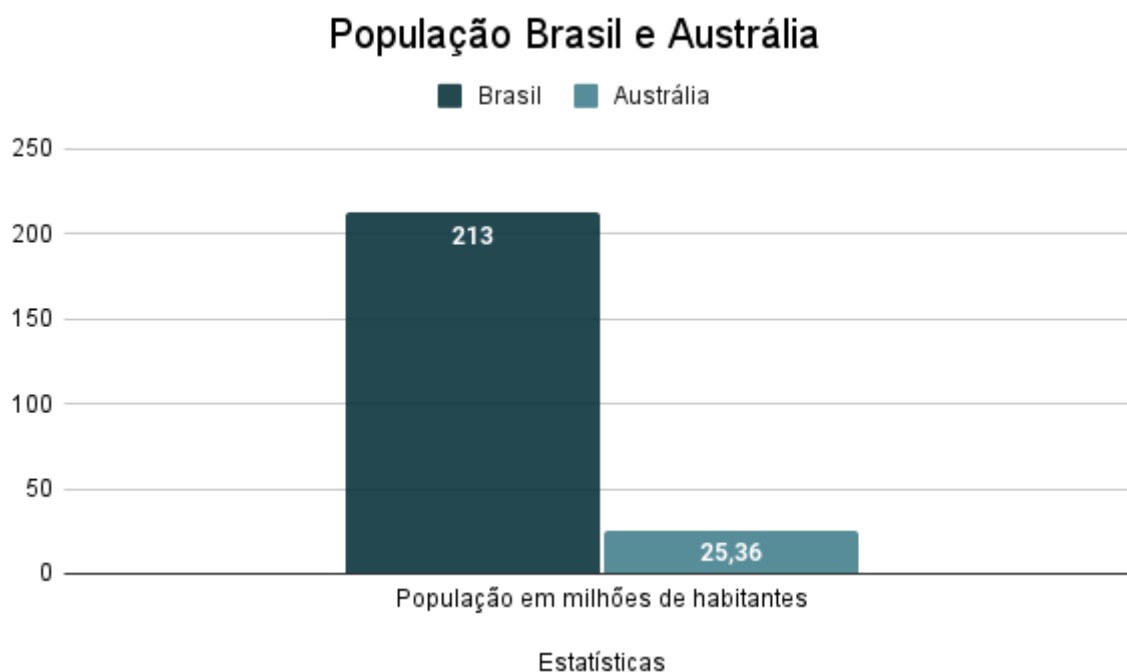


Fonte: IBGE e Portal Geoscience Austrália (dados de 2020).

A figura 27 demonstra uma das semelhanças entre os dois países, sua extensão territorial. Ambos estão entre os maiores países do mundo e quantidade de território, sendo que Brasil e Austrália aparecem respectivamente como quinto e sextos maiores países por extensão. Fica apenas atrás de Rússia, Canadá, China e Estados Unidos.

Apesar da similaridade territorial, Brasil e Austrália divergem na população de cada país. A figura 28, a seguir, demonstra a quantidade populacional de cada nação em milhões de habitantes.

Figura 28 – População de Brasil e Austrália em milhões de habitantes



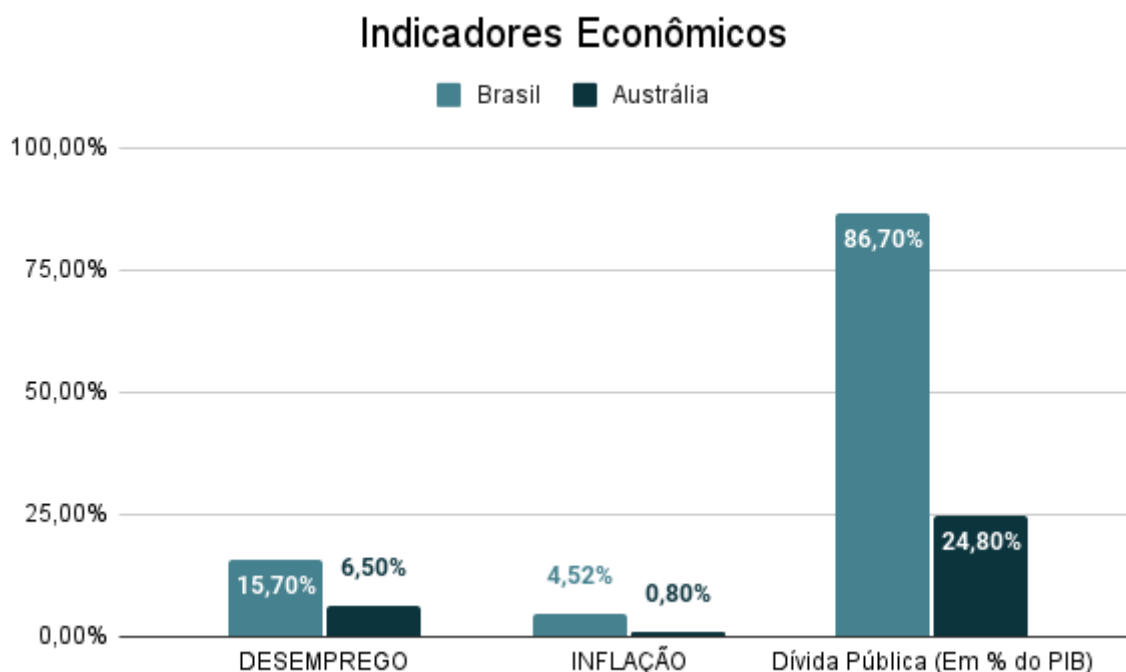
Fonte: Dados do Banco Mundial com estimativas de 2020.

Os dois países estudados demonstraram diversas características parecidas, principalmente em quesitos geográficos, como localização, clima e território ocupado, entretanto, a ocupação populacional dos dois países é altamente discrepante, sendo que o Brasil possui atualmente quase dez vezes mais habitantes que a Austrália. Com 25,36 milhões de pessoas, a população australiana se iguala a população dos três estados da região sul brasileira, cabe atenção para o fato de que esta não é a mais populosa do Brasil. Esse fator implicará em uma maior força de trabalho e de população economicamente ativa para o Brasil e a Austrália contará com uma densidade demográfica pequena, o que favorece atividades que utilizem grandes extensões de terra como a agropecuária e a mineração.

Um dos modos de poder avaliar o desempenho econômico de um país é observar alguns de seus indicadores, desemprego e inflação por exemplo, podem dar uma ideia do quanto uma economia é estável, descontrole desses índices pode demonstrar certas fragilidades na condução econômica de um estado. A dívida pública entretanto, demonstra o quanto um país necessita operar em déficit para poder financiar suas atividades, pode ser referência de um desajuste fiscal ou de um estado com o tamanho mais elevado do que o considerado ideal nas teorias econômicas. A

figura 29, demonstra a seguir, compara os três índices citados anteriormente para Brasil e Austrália.

Figura 29 – Indicadores econômicos de Brasil e Austrália



Fonte: Portal Portugal Exporta, disponível em myaicep.portugalexporta.pt, dados de 2020.

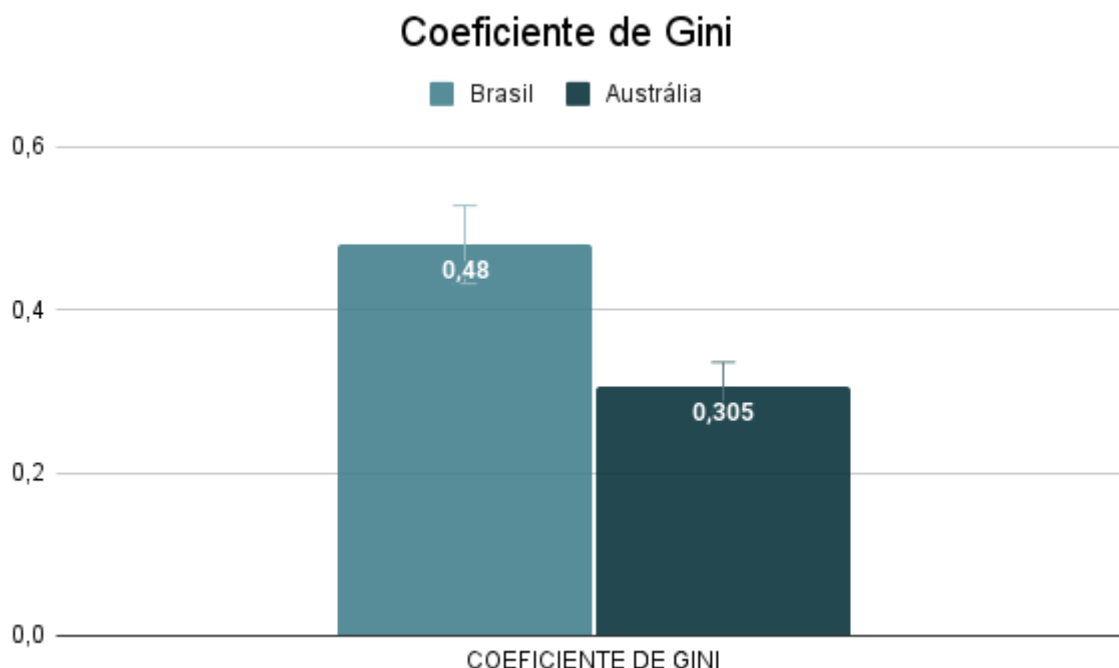
Ao analisar isoladamente cada índice demonstrado na figura 29, nota-se que o desemprego é maior no Brasil, em 2020, o desemprego atingia mais de 15% da população brasileira, o que responde por mais de 33 milhões de habitantes, que não possuíam emprego formal, esse valor é superior ao total da população da Austrália, que por sua vez, demonstra um maior controle sobre o desemprego, com pouco mais de 6% da população desempregada, o que corresponde a cerca de 1,6 milhões de habitantes desempregados. Verifica-se que o Brasil desemprega vinte vezes mais pessoas que a Austrália, e tem uma população cerca de dez vezes maior apenas, isso mostra uma grande disparidade nesse ponto, leva-se em conta que ambos os países sofreram em 2020 com a pandemia de corona vírus. A inflação demonstra a subida de preços acumulada no ano de 2020 para ambos, e novamente, a partir da análise da figura é possível observar que a Austrália detém mais controle da desvalorização de sua moeda e da subida de preços, que resultaram em uma inflação abaixo da casa de 1% para o período, enquanto o Brasil começou a sentir os efeitos da desvalorização

do real causados pelas medidas tomadas para conter os efeitos da pandemia, e viu uma subida na inflação que fechou o ano de 2020 em 3,2%.

A figura 29 compara também o total da dívida pública de Brasil e Austrália em comparação ao PIB de cada um. Dada a semelhança nominal no produto total de cada país, nota-se que o Brasil trabalha com uma dívida pública muito maior que a australiana. Enquanto a dívida total australiana concentra cerca de $\frac{1}{4}$ do seu PIB, a dívida brasileira se aproxima dos 90% do produto total. Ao analisar superficialmente o dado apresentado, é possível concluir que a Austrália passa por uma administração pública que se preocupa mais com a situação fiscal do país, e entende os impactos de um desajuste fiscal de grande proporção na economia, o Brasil por sua vez, utiliza-se da dívida pública como instrumento de governo, de onde faz a retirada de recursos que custeiam programas governamentais.

Um ponto válido de elencar ao analisar desenvolvimento socioeconômico é o coeficiente de Gini, que calcula a distribuição da renda em um determinado território, o índice é medido entre 0 e 1 e quanto maior for o resultado, significa que maior parte da renda de um país está centralizada em posse de um menor número de pessoas mais ricas. A seguir, a figura 30 representará os coeficientes de Gini medidos para Brasil e Austrália respectivamente, onde o objetivo é entender em qual país ocorre maior concentração de renda.

Figura 30 – Coeficiente de Gini

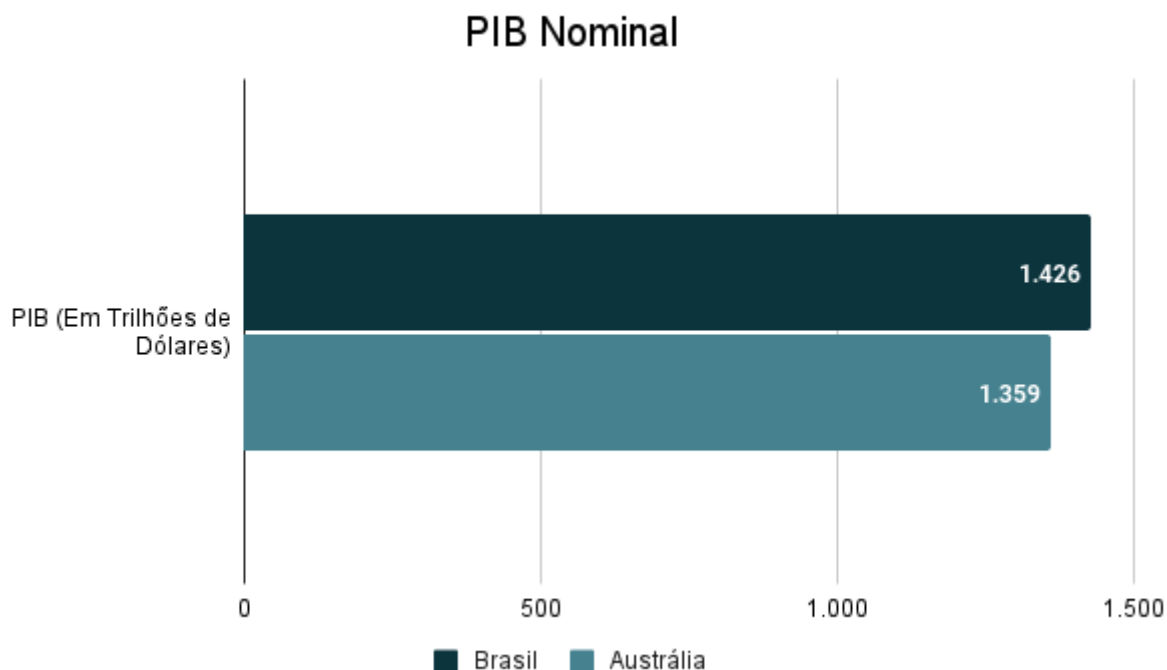


Fonte: Senado Federal Brasileiro e dados do Banco Mundial para 2018.

A partir da análise da figura 30, observa-se que o Brasil possui um valor maior no coeficiente de Gini em comparação com a Austrália, o que significa que a divisão da renda no Brasil é muito mais concentrada e menos igualitária que o encontrado no país oceânico. Com um índice que chega perto de 0,5 pontos, o Brasil encontra-se entre os países mais desiguais do mundo, fica à frente apenas de países africanos, com histórico de pobreza e fome. Entretanto a Austrália possui um índice menor, o que significa que em seu território a renda é melhor distribuída entre toda a população e uma parte menor fica concentrada em posse de uma minoria mais rica. Para fins de comparação, vale citar que a líder no ranking de igualdade de renda é a Ucrânia, atingindo um valor equivalente 0,25 no coeficiente de Gini, acompanhada por países nórdicos como Dinamarca e Finlândia (PORTAL UOL).

Um dos indicadores mais lembrados ao analisar a economia e a produtividade de um determinado país é o PIB (Produto Interno Bruto), ele representa, em valor de mercado, tudo o que foi produzido durante um ano. O PIB por si só, não demonstra o nível de riqueza ou qualidade de vida encontrado em um país, mas revela o potencial do mercado produtivo de uma nação. A figura 31 demonstrada abaixo, apresenta o PIB em trilhões de dólares de Brasil e Austrália em 2020.

Figura 31 - PIB de Brasil e Austrália

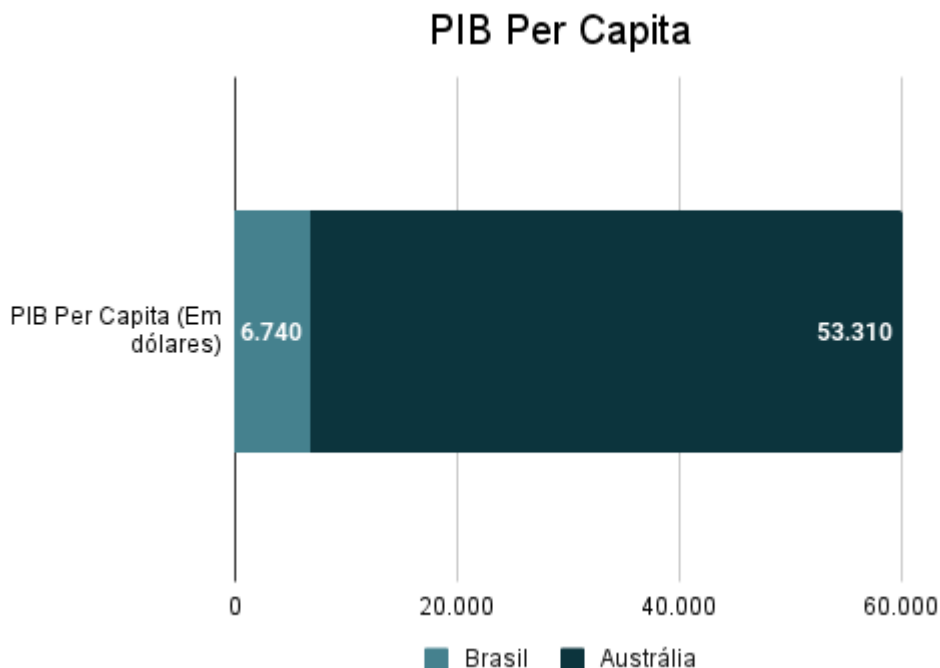


Fonte: Dados do Banco Mundial para 2020.

Quando colocados lado a lado, o PIB respectivo de Brasil e Austrália demonstram uma igualdade econômica, com valores muito semelhantes para os dois países, uma diferença de aproximadamente US\$ 67 bilhões, o que nas finanças de um país não é um valor representativo. Entretanto essa igualdade no PIB torna-se um ponto de atenção quando analisa-se outros fatores relacionados, anteriormente foi demonstrado a diferença na população de cada país, essa diferença abrupta causa um descompasso entre Brasil e Austrália, que demonstravam diversos aspectos parecidos.

O produto total de um país, quando dividido pela população total do mesmo, resulta no PIB per capita, um indicador que demonstra a renda anual gerada por cada indivíduo de respectiva nacionalidade. Esse fator demonstra a fragilidade do PIB brasileiro frente ao australiano, apesar de o total estar muito próximo. A figura 32 mostra o PIB per capita de cada uma das nações e evidencia a diferença encontrada.

Figura 32 - PIB Per capita de Brasil e Austrália



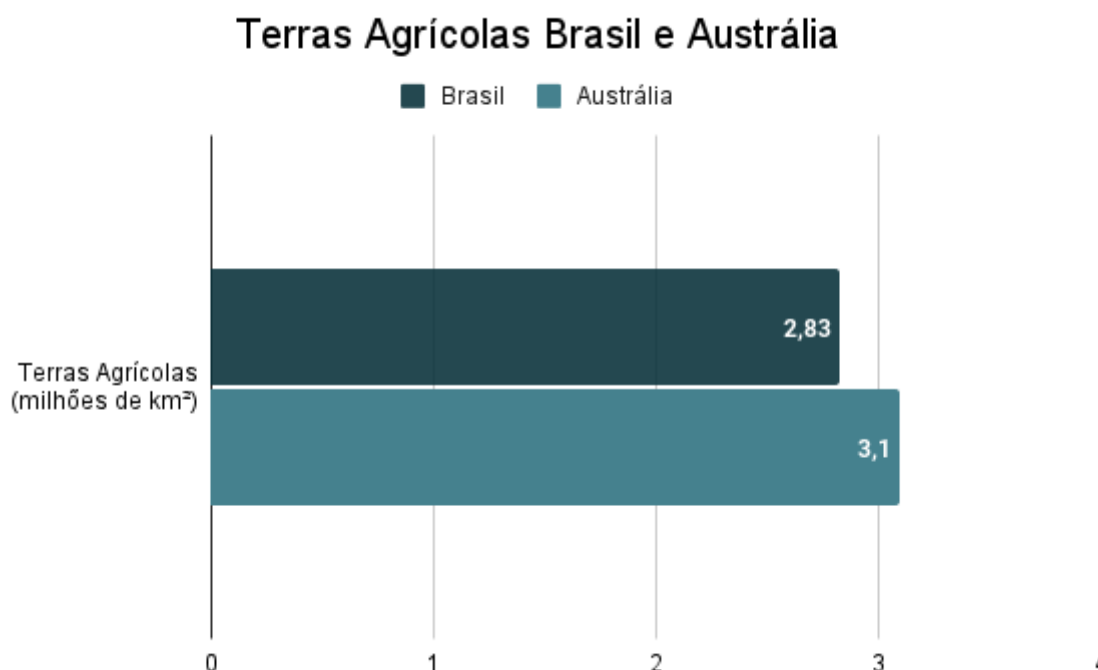
Fonte: Dados do Banco Mundial de 2020.

Apesar da igualdade demonstrada na produção total, ela não se solidifica quando compara-se a produção e a população de cada país. A Austrália possui uma renda per capita quase oito vezes maior que a brasileira, isso aparenta que um trabalhador australiano é capaz de gerar oito vezes mais renda para o país. Isso resulta do ambiente de negócios de cada país, e também das condições econômicas vividas por cada um. Se analisada isoladamente, essa diferença no PIB per capita pode chocar, todavia, ao levar em conta o já apresentado ranking da facilidade de fazer negócios (onde Brasil é o 52º do mundo e a Austrália é a 11ª) e também o percentual de desempregados de cada um, é possível concluir que essa diferença na renda não decorre de um fator isolado, mas sim da construção e da solidez das economias de cada um dos países estudados.

Doravante analisados os índices econômicos e características gerais de Brasil e Austrália, é possível introduzir ao tema substancial do presente trabalho, o mercado primário. A fim de realizar tal comparação colocar-se-á alguns pontos importantes que demonstram a realidade encontrada nos países quanto a sua disponibilidade territorial e aos aspectos mais importantes dos mercados agrícola, pecuário e da mineração. A

figura 33, apresentada a seguir, compara o total de território que é destinado à produção agrícola nos dois países estudados.

Figura 33 - Total de terras agrícolas de Brasil e Austrália

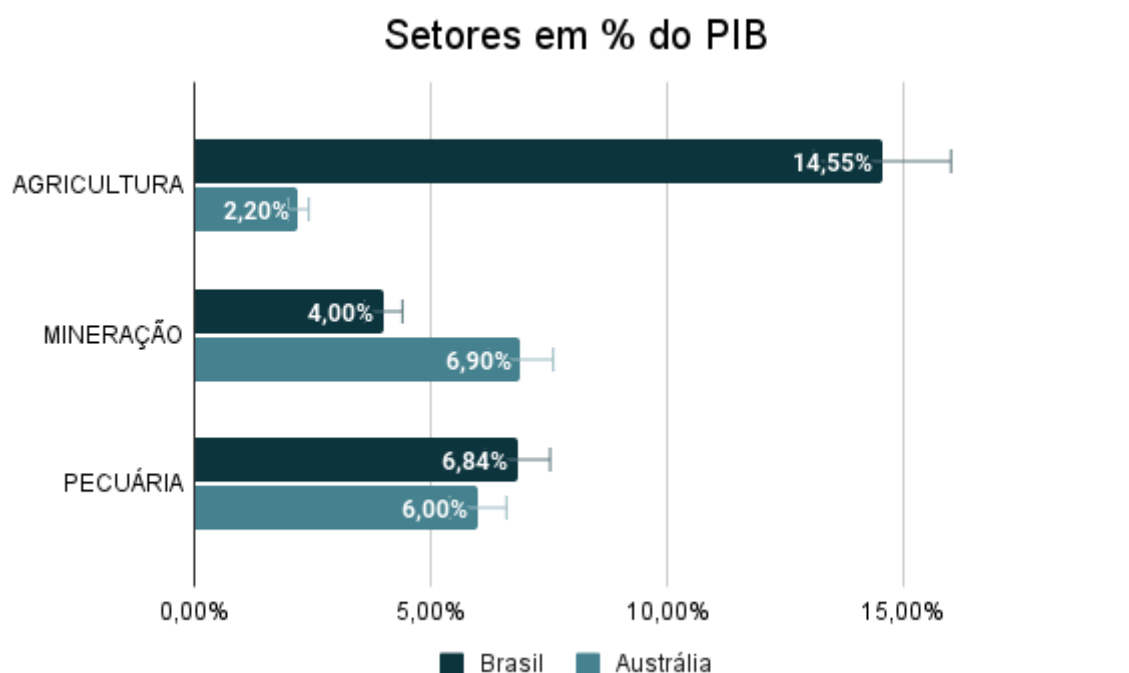


Fonte: Google Public Data, dados de 2016.

Embora a produção agrícola brasileira seja substancialmente maior em toneladas do que a australiana, o segundo país demonstra ter mais espaço terrestre destinado à atividade agropecuária. Dessa análise pode-se chegar a algumas conclusões sobre o aproveitamento do espaço agrícola de cada país. O Brasil é o maior produtor de soja do mundo e destina grande parte de seu território agrícola para o plantio do grão, enquanto na Austrália as produções são mais distribuídas e acabam sendo menos numerosas em quantidade, o que demonstra que a agricultura brasileira, apesar de ocupar menos territórios, tem uma produtividade maior, devido a adaptação e difusão nacional de culturas que proporcionam mais de uma colheita anual. Ao comparar as duas principais produções de cada país, a soja no Brasil e a cana de açúcar na Austrália, é plausível observar que a soja produz até três safras em um ano, enquanto a colheita da cana pode ser realizada anualmente, o que contribui para que a colheita brasileira seja maior do que a australiana, mesmo com a pequena diferença territorial vislumbrada.

Com o objetivo de aprofundar o desempenho do setor primário de Brasil e Austrália, a figura 34 expõe os três principais mercados desta categoria, a agricultura, a pecuária e a mineração, cabe destacar cada um deles separadamente em percentual do PIB de cada respectivo país.

Figura 34 - Atividades primárias em percentual do PIB



Fonte: Dados do FAOSTAT.

Cada uma das três atividades expostas na comparação possui relevância na produção total brasileira e australiana. Os dados expostos na figura 34 referem-se ao ano de 2020, onde a agricultura brasileira elevou-se na participação da produção em virtude da pandemia ter ocasionado queda na indústria e nos serviços.

Contudo, o setor agrícola é o que mais destoa entre as duas economias, tendo uma representatividade muito maior quanto produção no Brasil do que na Austrália. Efetua-se um diagnóstico isolado da agricultura, existe no Brasil um setor mais preparado, que foi desenvolvido e evoluído com o passar dos anos a partir do incentivo público e do foco nacional no crescimento da produção, baseado na implementação de empresas e programas nacionais de suporte e fomento à agricultura, como programas de crédito rural repassados via BNDES, a adoção de um sistema nacional de crédito rural e a criação da EMBRAPA, com suas unidades especializadas em culturas de cada região. Apesar de também praticar programas de crédito rural, a

Austrália fomenta seu setor agrícola muito mais via investimento estrangeiro direto, onde capta recurso internacional que é aplicado no campo a partir de meios de desburocratização do sistema, para facilitar a entrada de capital externo.

A segunda comparação obtida na figura 34 é a atividade mineradora de cada país em percentual do PIB, e pode-se perceber que apesar da relativa igualdade entre eles, a Austrália se destaca nesse ponto, pois dentre todos as produções primárias australianas a mineração é a mais representativa no quesito de produção total, e como destacado no presente trabalho ela é reconhecida como uma das principais potências mundiais do setor, está entre os principais produtores mundiais de diversos minérios, e tendo em seu território três das quatro principais empresas mineradoras do mundo.

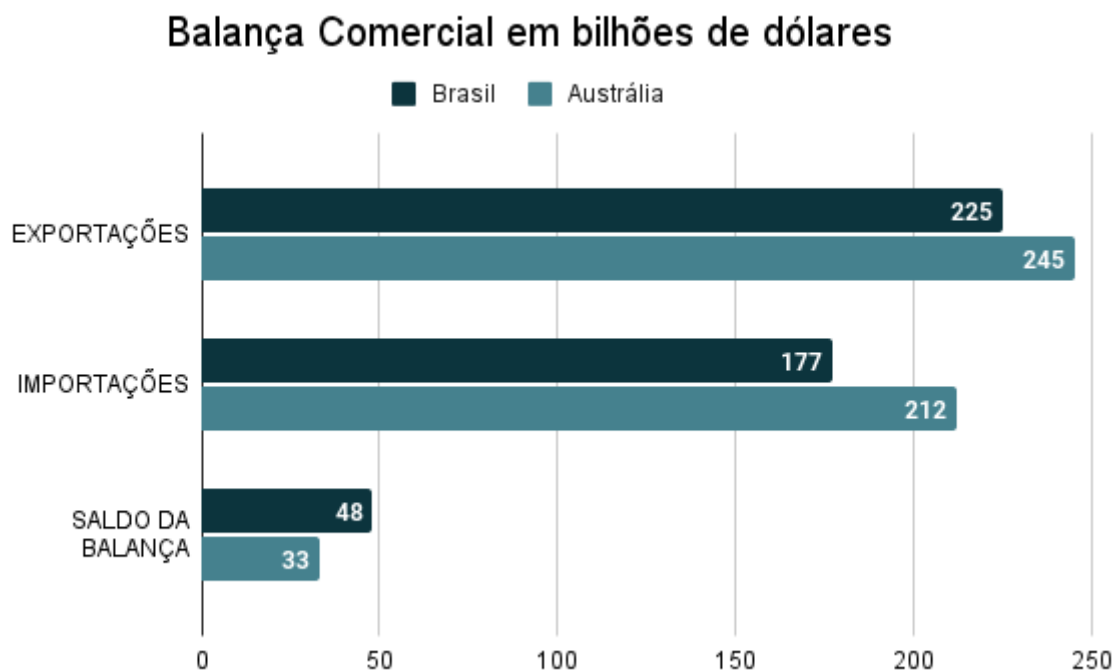
O Brasil por sua vez também possui um mercado extrativista representativo, tendo também uma das maiores empresas mineradoras do mundo, a Vale que é a quarta maior empresa do país com um valor de mercado na casa dos US\$ 26,0 bilhões.

O último ponto comparativo demonstrado na figura 34 é também o qual Brasil e Austrália demonstram maior igualdade, a pecuária. Os dois países destacam-se na produção bovina, sendo que na Austrália ela é mais disseminada e no Brasil existe também grande produção de suínos e aves, enquanto a Austrália tem um mercado desenvolvido de ovinos, sendo a maior produtora mundial de lã.

Na pecuária, o Brasil lidera no percentual do PIB por apenas 0,84%, sendo que o Brasil é o maior exportador mundial de carne e a Austrália é a quarta colocada no mesmo ranking. Além de ambos possuírem um mercado interno amplo e apreciador da proteína animal, sendo que no Brasil a maior parte da produção fica no mercado interno enquanto na Austrália a maior parte é exportada. A destinação da carne de ambos os países é similar, sendo o principal mercado o asiático, e o maior cliente de ambos é a China, a Austrália também exporta muita carne para os Estado Unidos enquanto o segundo maior comprador da carne brasileira é Hong Kong.

Austrália e Brasil possuem um cenário econômico semelhante, e essa conformidade pode ser vislumbrada também na balança comercial dos dois países, como ambos são países periféricos, suas exportações superam as importações como poderá ser observado na figura 35.

Figura 35 - Balança comercial de Brasil e Austrália



Fonte: Portal Portugal Exporta, disponível em myaicep.portugalexporta.pt, dados de 2020.

Ter um resultado positivo na balança comercial é importante para qualquer país, pois lhe proporciona ter reservas internacionais importantes para a atuação econômica, e Brasil e Austrália conseguem um desempenho satisfatório nesse quesito, conforme pode ser observado na figura 35. É válido ressaltar que por serem potências em produtos primários, o saldo positivo na balança comercial é um resultado natural e esperado para ambos.

O Brasil em 2020 teve um saldo mais positivo no comparativo, ao encerrar o ano com 48 bilhões de dólares de resultado positivo, enquanto a Austrália obteve para o mesmo período um resultado de 33 bilhões de dólares. Entretanto observa-se também que apesar do resultado maior o Brasil tanto exportou menos, quanto importou menos, o que significa que a Austrália negociou mais e possui mais mercado externo que o Brasil, esse fato pode ser explicado pelo coeficiente populacional de ambos os países. Como visto anteriormente o PIB das duas nações são muito próximos, contudo, a população brasileira é cerca de oito vezes maior que a australiana o que significa que a produção brasileira precisa abastecer um mercado interno muito maior enquanto a Austrália pode se concentrar e escoar boa parte de seus produtos aos seus parceiros externos.

O presente capítulo buscou condensar o que foi apresentado nos capítulos anteriores sobre o Brasil e a Austrália e, a partir de figuras, fazer comparações com os aspectos semelhantes e diferentes, analisando ponto a ponto as correlações positivas e os pontos destoantes entre as duas nações.

5 CONCLUSÃO

A atividade agrícola brasileira viveu um processo de evolução e adaptação contínua propiciado por períodos onde a agricultura era a principal atividade do país. Esses períodos foram representados por ciclos diversos, e mesmo após a industrialização brasileira, a agricultura continuou a se profissionalizar a partir de estudos, implementação de novas tecnologias e principalmente pela expansão do crédito rural que proporcionou aos agricultores a possibilidade de adquirir máquinas e equipamentos com juros e custos subsidiados.

Sendo assim, a expansão do crédito, o investimento massivo em educação agrícola, principalmente representado pela criação do SNCR e da EMBRAPA, foram os fatores fundamentais do crescimento do agronegócio brasileiro, os recursos repassados pelo BNDES modernizaram as atividades primárias enquanto os estudos realizados pela EMBRAPA em cada microrregião onde ela estava instalada, fortaleceram os plantios e as criações, a fim de torna-las mais resistentes a pragas e indicar quais produtos cada região poderia aproveitar de maneira mais eficiente.

A principal produção brasileira no momento estudado é a soja, entretanto, devido ao seu vasto território, muitos outros produtos são relevantes na economia brasileira em diferentes regiões, a pecuária e a atividade mineradora representam também parte significativa do PIB nacional.

O agronegócio brasileiro é responsável pela maior parte do abastecimento interno, e ainda assim consegue comercializar seus produtos com diversos países, principalmente no continente asiático. A atividade primária brasileira, respondeu em 2020 conjuntamente por cerca de 25% do PIB e é importante também para que as contas internacionais, e a balança comercial brasileira permaneçam com saldos positivos.

A Austrália foi uma colônia britânica e era destino de presos da metrópole antes de conquistar a sua independência, e o mercado que sustentou o país nesse período foi o agropecuário, com terras sendo doadas aos colonos da época. Sendo um país continental, a economia australiana soube aproveitar muito bem suas riquezas minerais para ampliar o mercado e gerar mais renda, sendo que a atividade extrativista

ocupa um dos papéis de pilar econômico do país, lidera a produção e venda de diversos produtos minerais.

Contudo, a maior força agrícola australiana são os grãos e a cana de açúcar, além de um mercado avançado na pecuária, sendo a Austrália a quarta maior exportadora de proteína bovina do mundo, e nos ovinos, é a maior criadora e o segundo maior exportador mundial de lã. Seu principal mercado consumidor são os países asiáticos e os Estados Unidos. A partir de seu mercado primário desenvolvido, a Austrália também possui uma balança comercial favorável, que fechou o ano de 2020 com um saldo positivo de US\$ 33 bilhões.

Ao comparar os mercados primários brasileiro e australiano, observa-se características semelhantes, como o PIB total dos dois países, a localização geográfica, extensão territorial, terras agricultáveis, números da produção agropecuária e da mineração, saldos da balança comercial, entre outros fatores. Por outro lado, dentre as disparidades evidenciadas, a população e o PIB per capita levam destaques por estarem amplamente desalinhados, bem como o nível de desenvolvimento econômico observado, a distribuição igualitária da renda (medido pelo coeficiente de Gini) e o índice de desemprego é maior no Brasil assim como a dívida pública do estado.

Em conclusão, observa-se que a hipótese principal foi parcialmente validada, uma vez que a agricultura brasileira é mais antiga do que a australiana, é também maior pois corresponde a uma fatia de mercado mais expressiva, tanto no mercado interno quanto no mercado externo. Entretanto, não possui uma tecnologia mais avançada que a australiana nesse ponto, pois a Austrália consegue, a partir de um investimento direto e de menor burocracia, ter uma industrialização mais forte tanto no mercado urbano quanto no agropecuário, o que lhe permite uma produção semelhante, tendo menos trabalhadores diretamente no setor.

Diante do exposto, as hipóteses secundárias estiveram parcialmente de acordo, apenas devendo-se analisar que a agricultura foi sim um dos setores importantes para a Austrália atingir o patamar de nação desenvolvida, entretanto divide esse posto com o setor de mineração que foi igualmente necessário e fundamental para o desenvolvimento australiano.

Brasil e Austrália são países que possuem fortes semelhanças, territoriais, geográficas, climáticas e econômicas, entretanto, a agricultura brasileira demonstra-se mais representativa no PIB nacional e responde por uma produção total maior que a australiana. Contudo as singularidades demonstradas são suficientemente fundamentais para que a Austrália tenha se desenvolvido, sem abandonar um mercado primário de ponta, enquanto o Brasil demonstra um foco muito grande no setor e continua como país emergente.

6 REFERÊNCIAS

ACRIMAT. **Agronegócio emprega 1 de cada 3 trabalhadores do Brasil.** Disponível em: <https://acrimat.org.br/portal/pecuaria-emprega-1-de-cada-3-trabalhadores-do-brasil/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

AGROLINK. **Histórico da Soja.** Disponível em: https://www.agrolink.com.br/culturas/soja/informacoes/historico_361541.html. Acesso em 02 mai. 2021.

AUSTRALIAN GOVERNMENT. **Área da Austrália – Estados e Territórios.** Disponível em: <https://www.ga.gov.au/scientific-topics/national-location-information/dimensions/area-of-australia-states-and-territories>. Acesso em 19 ago. 2021.

AUSTRALIAN GOVERNMENT. **Australian Trade and Investment Commission.** Disponível em: <https://www.austrade.gov.au/>. Acesso em 17 set. 2021.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Circular número 1.536.** Brasília: 1989.

BANCO MUNDIAL. **Índice de Gini – Austrália.** Disponível em: <https://datos.bancomundial.org/indicador/SI.POV.GINI?locations=AU>. Acesso em 14 set. 2021.

BANCO MUNDIAL. **World Bank Public Data.** Disponível em: <https://data.worldbank.org/>. Acesso em 11 set. 2021.

CANAL RURAL. **Brasil exporta volume recorde de carne bovina em 2020; veja projeção para este ano.** Disponível em: <https://www.canalrural.com.br/noticias/brasil-exporta-recorde-carne-bovina-2020/>. Acesso em 07 jun. 2021.

CANAL RURAL. **Exportação de milho cai quase 20% em volume e receita em 2020.** Disponível em: <https://www.canalrural.com.br/noticias/agricultura/milho/exportacao-milho-cai-volume-receita-2020/>. Acesso em 16 mai. 2021.

CANAL RURAL. **Milho: IBGE aponta total da safra 2019/2020 abaixo de 100 mi de toneladas.** Disponível em: <https://www.canalrural.com.br/noticias/agricultura/milho/milho-ibge-safra-2019-2020/>. Acesso em 02 mai. 2021.

CANAL RURAL. **O que temos para aprender com o sistema australiano de produção?** Disponível em: <https://blogs.canalrural.com.br/blogdoscot/2018/08/21/o-que-temos-para-aprender-com-o-sistema-australiano-de-producao/>. Acesso em 02 set. 2021.

CANAL RURAL. **Recorde: safra 2020/21 de milho deve chegar a 105,2 milhões de toneladas.** Disponível em:

<https://www.canalrural.com.br/noticias/agricultura/milho/recordes-safra-2020-21-de-milho-deve-chegar-a-1052-milhoes-de-toneladas/>. Acesso em 16 mai. 2021.

CARDOSO, DENIS. **Carne bovina: Exportações da Austrália atingem em março menor patamar em 10 anos.** Disponível em:

<https://www.portaldbo.com.br/exportacoes-da-australia-de-carne-bovina-atingem-em-marco-menor-patamar-em-10-anos/>. Acesso em 02 out. 2021.

CEPEA: CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA.

PIB do Agronegócio Brasileiro. Disponível em:

<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx#:~:text=Acesse%20aqui%20a%20s%C3%A9rie%20hist%C3%B3rica%20do%20PIB%20do%20agroneg%C3%B3cio%20brasileiro.&text=Diante%20disso%2C%20o%20PIB%20do,a%20quase%20R%24%202%20trilh%C3%B5es.> Acesso em 03 mai. 2021.

CHADDAD, FABIO. **Economia e organização da agricultura brasileira.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.

CLIMATE FIELDVIEW. **Qual é a participação do agronegócio no PIB e nas exportações brasileiras?** Disponível em:

<https://blog.climatefieldview.com.br/qual-e-a-participacao-do-agronegocio-no-pib-e-nas-exportacoes-brasileiras#:~:text=De%20acordo%20com%20c%C3%A1lculos%20do,20%2C5%25%20em%202019.> Acesso em 03 mai. 2021.

COMEX STAT. **Exportações e Importações Geral.** Disponível em:

<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em 05 mai. 2021.

COUNTRY ECONOMY. **Australia - PIB - Produto Interno Bruto.** Disponível em: <https://pt.countryeconomy.com/governo/pib/australia>. Acesso em 14 set. 2021.

DUARTE, VÂNIA MARIA DO NASCIMENTO. **Pesquisas: Exploratória, Descritiva e Explicativa.** Disponível em:

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/regras-abnt/pesquisas-exploratoria-descritiva-explicativa.htm>. Acesso em 07 dez. 2020

EMBRAPA SUÍNOS E AVES. **Estatísticas | Desempenho da produção.**

Disponível em: <https://www.embrapa.br/suinos-e-aves/cias/estatisticas>. Acesso em 19 jun. 2021.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Visão 2030: O Futuro da Agricultura Brasileira.** Brasília, DF: Embrapa, 2018.

FACHIN, ODÍLIA. **Fundamentos da Metodologia.** São Paulo: Saraiva, 2005.

FARM NEWS. **Dados Projetados da Pecuária de Corte Australiana em 2020 e 2021.** Disponível em: <https://www.farmnews.com.br/mercado/pecuaria-de-corte-australiana-3/>. Acesso em: 28 set. 2021.

FAZ COMEX. **Exportação de Milho: Entenda melhor.** Disponível em: <https://www.fazcomex.com.br/blog/exportacao-de-milho-entenda-melhor/>. Acesso em 06 mai. 2021.

FAZ COMEX. **Exportação de Carne Bovina.** Disponível em: <https://www.fazcomex.com.br/blog/exportacao-de-carne-bovina/>. Acesso em 06 jun. 2021.

FAZ COMEX. **Importação de Trigo.** Disponível em: <https://www.fazcomex.com.br/blog/importacao-de-trigo/>. Acesso em 25 jun. 2021.
 FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Milho e suas riquezas – História.** Disponível em: [https://www.fiesp.com.br/sindimilho/sobre-o-sindmilho/curiosidades/milho-e-suas-riquezas-historia/#:~:text=No%20Brasil%2C%20o%20cultivo%20do,aos%20h%C3%A1bitos%20alimentares%20dos%20brasileiros](https://www.fiesp.com.br/sindimilho/sobre-o-sindmilho/curiosidades/milho-e-suas-riquezas-historia/#:~:text=No%20Brasil%2C%20o%20cultivo%20do,aos%20h%C3%A1bitos%20alimentares%20dos%20brasileiros.). Acesso em 13 mai. 2021.
 FORMIGONI, IVAN. **Maiores exportadores de carne bovina em 2020, qual expectativa?** Disponível em: <https://www.farmnews.com.br/mercado/maiores-exportadores-de-carne-bovina-2/>. Acesso em 14 set. 2021.

FURTADO, CELSO. **Formação Econômica do Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

G1. **Como a mineração ajuda a alavancar a economia brasileira.** Disponível em: <https://g1.globo.com/especial-publicitario/em-movimento/noticia/2018/12/10/como-a-mineracao-ajuda-a-alavancar-a-economia-brasileira.ghtml>. Acesso em 15 set. 2021.

GARCIA, LARISSA. **Dívida pública cai para 86,7% do PIB em abril, diz BC.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/05/divida-publica-cai-para-867-do-pib-em-abril-diz-bc.shtml>. Acesso em 01 out. 2021.

GOVERNO BRASILEIRO. **Brasil deve ter novo recorde de produção na safra de grãos 2020/21.** Disponível em: [https://www.gov.br/pt-br/noticias/agricultura-e-pecuaria/2020/10/brasil-deve-ter-novo-recorde-de-producao-na-safra-de-graos-2020-21#:~:text=Conab%2C%20Guilherme%20Bastos,-,Soja,133%2C7%20milh%C3%B5es%20de%20toneladas](https://www.gov.br/pt-br/noticias/agricultura-e-pecuaria/2020/10/brasil-deve-ter-novo-recorde-de-producao-na-safra-de-graos-2020-21#:~:text=Conab%2C%20Guilherme%20Bastos,-,Soja,133%2C7%20milh%C3%B5es%20de%20toneladas.). Acesso em: 02 mai. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Áreas Territoriais.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15761-areas-dos-municipios.html?=&t=o-que-e>. Acesso em 31 ago. 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Agronegócio impulsionou a balança comercial brasileira em 2020.** Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=37719&catid=3&Itemid=3. Acesso em 21 jun. 2021.

IPEADATA. **LSPA – Produção – milho – qde.** Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/>. Acesso em 05 mai. 2021.

LAKATOS, EVA MARIA; MARCONI, MARINA DE ANDRADE. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MACEDO, MÁRCIA. **Ciclo do Café**. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/ciclo-do-cafe>. Acesso em: 08 nov. 2020.

MAIORES E MELHORES. **Saiba quais são os 15 maiores países do mundo por território**. Disponível em: <https://www.jornalportuario.com.br/interna/economia-mundial/saiba-quais-sao-os-15-maiores-paises-do-mundo-por-territorio>. Acesso em 14 set. 2021.

MAPSTONE, NAOMI. **Austrália surge como inovadora líder do setor de agricultura 4.0**. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/dino/australia-surge-como-inovadora-lider-do-setor-de-agricultura-40,eb2128dad55749daa12cb8293e5014cbtk9lbgp7.html>. Acesso em 06 set. 2021.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Balança Comercial Do Agronegócio – Dezembro/2020**. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/exportacoes-do-agro-ultrapassam-a-barreira-dos-us-100-bilhoes-pela-segunda-vez/Notaaimpresa1Dezembro20202.pdf>. Acesso em 26 jun. 2021.

MENDES, JUDAS TADEU GRASSI; JUNIOR, JOÃO BATISTA PADILHA. **Agronegócio: Uma Abordagem Econômica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

NOTÍCIAS AGRÍCOLAS. **Brasil tem milhões de hectares agricultáveis disponíveis**. Disponível em: <https://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/agronegocio/39569-brasil-tem-milhoes-de-hectares-agricultaveis-disponiveis.html#:~:text=O%20Brasil%20apresenta%20uma%20%C3%A1rea,pela%20%C3%A1rea%20agricult%C3%A1vel%20j%C3%A1%20utilizada>. Acesso em 30 set. 2021.

PASTO EXTRAORDINÁRIO. **Carne bovina: mercado interno versus mercado externo**. Disponível em: <https://pastoextraordinario.com.br/carne-bovina-mercado-interno-versus-mercado-externo/>. Acesso em 16 jun. 2021.

PIRES, MARCOS CORDEIRO; DE MENDONÇA, MARINA GUSMÃO. **Formação Econômica Do Brasil**. São Paulo: Thomson, 2002.

QUEIROZ, TÚLIO. **Ciclo do Açúcar**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/economia-acucareira.htm>. Acesso em: 08 nov. 2020.

REDAÇÃO GLOBO RURAL. **10 coisas que você precisa saber sobre a agricultura brasileira**. Disponível em:

<https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Agricultura/noticia/2015/03/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-agricultura-brasileira.html>. Acesso em: 25 abr. 2021.

ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY. **About us**. Disponível em: <https://www.rgs.org/about/>. Acesso em: 23 set. 2021.

SANTOS, GEOSMAR R; FREITAS, ROGÉRIO E. **Gasto Público Com A Agricultura No Brasil: Uma Abordagem A Partir De Dados Agregados**.

Disponível em:

http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8159/1/BRU_n17_Gasto.pdf. Acesso em: 04 abr. 2021.

SASSE, CINTIA; AGÊNCIA SENADO. **Recordista em desigualdade, país estuda alternativas para ajudar os mais pobres**. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/03/recordista-em-desigualdade-pais-estuda-alternativas-para-ajudar-os-mais-pobres>. Acesso em 05 out. 2021.

SCHMIDT, FREDERICO DAMAZIO. **A mineração de ferro na Austrália**. Disponível em: <https://www.minasjr.com.br/a-mineracao-de-ferro-na-australia/>. Acesso em 17 set. 2021.

SEVERINO, ANTÔNIO JOAQUIM. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2014.

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA. **Importações de grãos do Japão é de 24.2 milhões de toneladas**. Disponível em:

<https://www.sna.agr.br/importacoes-de-graos-do-japao-e-de-24-2-milhoes-de-toneladas/>. Acesso em 17 mai. 2021.

SOUZA, Nali de Jesus. **Desenvolvimento econômico**. 6ª ed. São Paulo. Atlas, 2012.

TRI CONTINENTAL. **Análise sobre a produção de carnes no Brasil**.

Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/analise-sobre-a-producao-de-carnes-no-brasil/#:~:text=Em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20produ%C3%A7%C3%A3o%20de,12%2C5%20milh%C3%B5es%20de%20toneladas>.

Acesso em 11 jun. 2021.

UOL NOTÍCIAS. **Brasil é o 7º país mais desigual do mundo, melhor apenas do que africanos**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/12/09/brasil-e-o-7-mais-desigual-do-mundo-melhor-apenas-do-que-africanos.htm>. Acesso em 06 out. 2021.

VIEIRA FILHO, JOSÉ EUSTÁQUIO RIBEIRO; VIEIRA, ADRIANA CARVALHO PINTO. **A Inovação Na Agricultura Brasileira: Uma Reflexão A Partir Da Análise Dos Certificados De Proteção De Cultivares**. Rio de Janeiro. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, 2013.

ZHANG, MIN; ARORA, NEHA. **Brasil e Austrália lideram vendas de minério de ferro à China em 2020**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/brasil-e-australia-lideram-vendas-de-minerio-de-ferro-a-china-em-2020-mas-india/>. Acesso em 15 set. 2021.